

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**MÁRCIO RODRIGUES**

**REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DAS MULHERES NA CHINA (1892-1934):  
O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DOS ROMANCES *A BOA TERRA*  
E *PAVILHÃO DE MULHERES*, DE PEARL BUCK**

**CAXIAS DO SUL**

**2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

R696r Rodrigues, Márcio

Representações culturais das mulheres na China (1892-1934) :  
o ensino de história a partir dos romances *A boa terra* e *Pavilhão de  
mulheres*, de Pearl Buck / Márcio Rodrigues. – 2019.

88 f. : il. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa  
de Pós-Graduação em História, 2019.

Orientação: Eliana Rela.

1. História - Estudo e ensino. 2. Literatura. 3. Mulheres - China. 4.  
Histórias em quadrinhos. 5. Buck, Pearl Sydenstricker, 1892-1973. I. Rela,  
Eliana, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37.016:94

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Paula Fernanda Fedatto Leal - CRB 10/2291

**PRESENTAÇÕES CULTURAIS DAS MULHERES NA CHINA (1892  
– 1934): O ENSINO DE HISTÓRIA A PARTIR DOS ROMANCES A  
BOA TERRA E PAVILHÃO DE MULHERES, DE PEARL BUCK**

Márcio Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Mestrado submetido à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em História, Área de Concentração: Ensino de História: Fontes e Linguagens. Linha de Pesquisa: Linguagens e Cultura no Ensino de História

Caxias do Sul, 12 de dezembro de 2019.

Banca Examinadora:

Dra. Eliana Rela  
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Cecil Jeanine Albert Zinani  
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Cristine Fortes Lia  
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Flávia Brocchetto Ramos  
*UCS / Universidade NOVA de Lisboa*

À memória de Pearl Buck.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha esposa, Lair Helena Marinho dos Santos, pela jornada que trilhamos juntos há dezoito anos.

Ao meu filho, Otávio Augusto Marinho Rodrigues, no lugar dos agradecimentos, peço-lhe desculpas pelas minhas ausências.

A minha mãe Nadir Catarina Cavalli e ao meu pai Ilário Pinheiro Rodrigues por tudo. Por tanto. E sempre.

A escriturária Lisandra Boff de Andrade.

Aos colegas e amigos que conheci no programa e com os quais partilhei momentos de discussões e debates.

A todos os professores doutores do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade de Caxias do Sul, e, também, as professoras doutoras da banca final, sobretudo, pelas críticas, sugestões e palavras de apoio de Cecil Jeanine Albert Zinani, Cristine Fortes Lia e Flávia Brocchetto Ramos.

Em especial, a minha orientadora, professora Dra. Eliana Rela, pelo apoio, confiança e paciência em toda a trajetória dentro do programa.

Muito obrigado a todos!

## RESUMO

O presente trabalho é resultado de pesquisa desenvolvida no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade de Caxias do Sul, na área de concentração ensino de história: fontes e linguagens. Linha de pesquisa: linguagens e cultura no ensino de história. A partir do referencial teórico de Roger Chartier, apresenta um estudo das representações nas práticas culturais referentes a violência de gênero contra as mulheres na China presentes nos romances *A Boa Terra* (1981) e *Pavilhão de Mulheres* (2009), da escritora estadunidense Pearl Buck (1892-1973). Para, assim, apresentar uma proposta de material paradidático, no formato de história em quadrinhos, que possa servir de auxílio a professores da Educação Básica interessados pela abordagem e problematização do ensino de história das mulheres a partir de outro viés, o Oriental, no período compreendido entre 1892 e 1934.

**Palavras-chave:** Literatura. Mulheres. Ensino de História. História em Quadrinhos.

## **ABSTRACT**

The present work is the result of research developed in the Professional Master's Program in History Teaching at the University of Caxias do Sul, in the area of concentration teaching history: sources and languages. Line of research: languages and culture in history teaching. Based on Roger Chartier's theoretical framework, he presents a study of the representations in cultural practices regarding gender violence against women in China present in the novels *A Boa Terra* (1981) and *Pavilhão de Mulheres* (2009), by the American writer Pearl Buck (1892-1973). In order, therefore, to present a proposal for educational material, in the form a comic strip, that can serve as a help to Basic Education teachers interested in approaching and problematizing the teaching of women's history from another perspective, the Oriental, in the period between 1892 and 1934.

**Keywords:** Literature. Women. History teaching. Comics.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pearl S. Buck (1892 – 1973) .....	16
Figura 2 – Influência da cultura chinesa .....	23
Figura 3 – <i>National Geographic Brasil</i> , maio de 2008 .....	25
Figura 4 – Revista <i>Exame CEO</i> , setembro de 2019 .....	27
Figura 5 – Confúcio (551-479 a.C.) .....	35
Figura 6 – O romance <i>A Boa Terra</i> O romance <i>Pavilhão de Mulheres</i> .....	46
Figura 7 – O romance <i>Pavilhão de Mulheres</i> .....	47

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A presença feminina nos continentes.....	15
Tabela 2 – Taxa de mortalidade infantil na Ásia por sexo .....	36

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

EUA	Estados Unidos da América
FMI	Fundo Monetário Internacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PEA	População Economicamente Ativa
PCC	Partido Comunista Chinês
PFU	Política do Filho Único
ZEE	Zonas Econômicas Especiais

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
1.1. POR QUE PEARL BUCK E A CHINA? .....	17
1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....	30
1.3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA .....	37
<b>2. CONSTRUÇÃO NARRATIVA .....</b>	<b>45</b>
2.1. <i>A BOA TERRA E PAVILHÃO DE MULHERES</i> : AS MULHERES E A QUESTÃO DE GÊNERO .....	49
<b>3. PRODUTO SOCIAL .....</b>	<b>58</b>
<b>4. CONCLUSÕES .....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>65</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>71</b>
ANEXO A – O drama das mulheres continua em rincões no interior da China .....	71
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>77</b>
APÊNDICE A – Representações culturais das mulheres na China (1892-1934): o ensino de História a partir dos romances <i>A Boa Terra e Pavilhão das Mulheres</i> , de Pearl Buck (HQ) .....	77

## 1. INTRODUÇÃO

*“A ameaça radical colocada pela história das mulheres situa-se exatamente neste tipo de desafio à história estabelecida; as mulheres não podem ser adicionadas sem uma remodelação fundamental dos termos, padrões e suposições daquilo que passou para a história objetiva, neutra e universal no passado, porque essa visão da história incluía em sua própria definição de si mesma a exclusão das mulheres.”*  
Joan Scott (2011, p. 93)

Uma vez perguntaram a Ernest Hemingway de onde ele tirava as ideias para escrever seus livros. Sua resposta soou como um conselho: “viva os seus livros!” Talvez isso consiga explicar a vida intensa que teve, bem como a força de suas obras. Da mesma forma, enquanto lia obras de crítica literária, encontrei uma sugestão que partia de um pensador inglês que recomendava ao escritor iniciante escrever sobre algo que conhecesse bem, ou, no mínimo, caso não conhecesse muito acerca daquele assunto, que fosse estudá-lo.

Às vésperas de me inscrever na prova de seleção no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História, a única coisa que sabia acerca da minha pesquisa é que seria ligada a História da China. Por quê? Porque tenho interesse nela advindo da sua cultura. Um interesse aceso na infância por filmes de artes marciais, videogames e histórias em quadrinhos (HQs) que, particularmente ligados à China, me fascinavam.

Há cerca de 17 anos, comecei a escrever um romance que possui o mesmo recorte espaço-temporal da pesquisa que encampeei no programa. Comecei a escrevê-lo pelo fascínio advindo dessa cultura distante, com a qual jamais tive contato, salvo as referências acima, acrescido de algumas disciplinas eletivas na graduação em História e leituras de vários textos que fiz ao longo dos anos. Penso que esse interesse adveio também de um desejo de fuga para um lugar – uma idealização – que não é o presente histórico deste pretendo escritor e, no momento, pesquisador acadêmico. Há ainda o prazer de escrever, da fruição do ato em si. Ocorre que nunca fui até a China e é provável que o dia em que tiver recursos para fazê-lo, minha obra literária já esteja em vias de ser finalizada, ou, próximo disso. Portanto, devo, até lá, seguir estudando a China.

Ainda indeciso sobre o tema a ser escolhido e a poucos dias da seleção encontrara o livro *A Boa Terra* (1981) de Pearl S. Buck, com o seu Buda de jade esverdeado na capa me fitando da estante da biblioteca, enquanto passava no corredor da escola para ir embora<sup>1</sup>. De imediato entrei na biblioteca para pegá-lo emprestado. Ali fui informado de que estava posto para doação. Ninguém o lia. “Tudo bem”. De posse do “novo” livro, fui para casa com a impressão de que o nome da autora não me era estranho. Procurei entre os meus e encontrei outro livro dela: *Os filhos de Wang Lung* (1967),<sup>2</sup> adquirido na Feira do Livro de Caxias do Sul do ano de 2006 – havia rabiscado na contracapa a data em que o adquirira junto a minha assinatura. Ainda não o havia lido. E já era 2017. Sugeri à minha orientadora então trabalhar com base nos romances desta “desconhecida” escritora. Ela concordou e deu a direção para a abordagem: os estudos de gênero.

Michelle Perrot (2017) assinalou que para “[...] escrever a história, são necessárias fontes, documentos, vestígios. E isso é uma dificuldade quando se trata da história das mulheres. Sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.” (p. 21). No caso específico das mulheres na Ásia e, em particular da China, essa afirmação tem mais valor ainda, pois, são poucas as obras à disposição para estudar e assim poder abordar e problematizar o tema em sala de aula a partir de outra perspectiva, que não seja a ocidental.<sup>3</sup>

Salvo algumas publicações recentes,<sup>4</sup> em geral as obras apresentam uma abordagem generalista, adentrando os campos da arquitetura, caligrafia, cerâmica, pintura, teatro, entre outros, e não se demoram sobre práticas – consideradas bárbaras<sup>5</sup> – que outrora eram permitidas em relação às mulheres. No que diz respeito a outros temas referentes à China, como negócios e relações internacionais a literatura à disposição para estudo é densa. Sobre tudo com os Jogos Olímpicos de Beijing em 2008, houve um *boom* de publicações no Brasil tanto em periódicos quanto em livros. E, em razão do contínuo crescimento econômico o número dessas publicações tem se mantido no mercado editorial brasileiro.

---

<sup>1</sup> Não ficou esclarecida a razão de a editora optar por inserir um Buda na capa do livro, uma vez que não há qualquer referência a ele ao longo da narrativa. Discutirei essa questão adiante.

<sup>2</sup> Continuação de *A Boa Terra*.

<sup>3</sup> Paradoxalmente, o presente trabalho é erigido sobre um arcabouço teórico quase que inteiramente ocidental, e o fato de buscar como fonte documental a Literatura apenas reforça a debilidade de estudos a partir das Ciências Sociais.

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, TREVISAN, Cláudia. *Os chineses*. São Paulo: Contexto, 2017.

<sup>5</sup> Em *O homem que amava a China* (2009), de Simon Winchester, biografia do bioquímico britânico Joseph Needham, está registrado que, após adentrar em uma aldeia, Needham ficara revoltado ao encontrar as “[...] mulheres da aldeia [que] ainda enfaixavam os pés das meninas com longas tiras de pano – depois de quebrarem seus artelhos, que se dobravam para penetrar nas solas, e arrancar as unhas para apressar o processo de criação dos ‘pés de lótus’, que os homens aparentemente apreciavam.” (WINCHESTER, 2009, p. 162-163).

Contudo, os ainda poucos – para não dizer raros – livros que ora ou outra fazem alguma referência aos pés de lótus ou a outras práticas como o infanticídio de meninas se encontram dispersos e esquecidos em bancas de sebos, em livros velhos de páginas amareladas literalmente caindo aos pedaços. Até mesmo nas grandes bibliotecas universitárias, não há muitas obras acerca destes assuntos. Numa metáfora em paralelo, a exceção de *A Boa Terra*, o mesmo pode ser dito referente às demais obras de Pearl Sidenstrycker Buck<sup>6</sup> (1892-1973), literata cujos romances selecionados para o presente estudo retratam de forma vívida o drama das suas personagens, mulheres chinesas.

No Ocidente a História das Mulheres é um campo de estudos consolidados. Há grandes obras de diversos(as) pensadores(as), como é o caso de Joan Scott e Michelle Perrot, por exemplo. No Brasil não é diferente. Contudo, apesar disso, se constata como problema a escassez de fontes para abordar uma história das mulheres a partir do Oriente, especificamente, das mulheres chinesas no recorte temporal compreendido entre o fim do regime imperial chinês até o quase início da 2ª Guerra Mundial na Ásia.<sup>7</sup> Assim, e por isso, o presente estudo se justifica a fim de responder a essa escassez de fontes de pesquisa para os docentes da Educação Básica poderem abordar e problematizar a história dessas mulheres nas aulas de História<sup>8</sup>. Dessa forma, o objetivo geral desse estudo é investigar por meio da análise dos romances *A Boa Terra* (1981) e *Pavilhão de Mulheres* (2009),<sup>9</sup> as representações das práticas culturais na sociedade imperial chinesa em seu crepúsculo. Ambas as obras apresentam uma clara desigualdade de gênero<sup>10</sup> e violência contra as mulheres numa cultura que privilegia os filhos, os pais e os maridos que gozam de um status superior em relação às filhas, mães ou esposas. Essas são premidas por práticas como o abandono, aborto, infanticídio ou venda de meninas, o concubinato, o casamento dotal, o ato de enfaixar os pés das meninas – mutilando-os – entre outras questões.

<sup>6</sup> Doravante, para melhor fruição textual, a escritora será referida apenas como Pearl Buck.

<sup>7</sup> Como nos explica Silva (2011), a Segunda Guerra Sino-japonesa (1937-1945) e a Guerra do Pacífico (1941-1945) fizeram com que os historiadores as considerassem entrelaçadas e, assim, um único conflito. Dessa forma, na Ásia, a 2ª Guerra Mundial se inicia em agosto de 1937 com a invasão da China pelo Japão. Ressalva-se que o marco histórico adotado para o presente trabalho segue o tempo de vida que Buck viveu na China. Compreendemos ser temerário delimitar uma data estanque para início ou fim de uma prática cultural. Há registros que algumas das referidas práticas culturais persistiram na China mesmo após a sua proibição pelo Partido Comunista Chinês (PCC). Portanto, elas não ocorreram apenas no espaço temporal delimitado no presente estudo; se espraiam para antes e depois de nossa delimitação temporal. Além disso, Buck, nas duas obras, jamais cita datas. Seu leitor, municiado de conhecimento histórico prévio (ou não) poderá se situar nas narrativas temporalmente a partir de breves “pistas” dadas na fala de uma ou outra personagem, possibilitando contextualizar os acontecimentos no contexto chinês e mundial. (Ainda que as narrativas sejam ficcionais).

<sup>8</sup> Acreditamos ser perfeitamente possível utilizar o mesmo produto social desta pesquisa para auxiliar professores de Língua Portuguesa em aulas de Literatura.

<sup>9</sup> Originalmente, *The Good Earth* (1931) e *Pavilion of Women* (1946), respectivamente.

<sup>10</sup> Com base em Scott (2012), gênero é aqui um conceito compreendido como uma arena política para englobar e problematizar a questão das mulheres, das desigualdades e da diferença sexual, entre outros.

Desse modo, este estudo é um esforço para refletir sobre essas questões na contemporaneidade dentro de uma perspectiva histórica com foco na cultura de um passado remoto da China, mas com desdobramentos claros hoje, naquele país. Há assim o objetivo de apontar luzes na direção do Oriente por meio da Literatura, a fim de que se possa através de nova abordagem também discutir e sublinhar a importância dos Direitos Humanos, com o intuito de preservar o que já se conquistou e avançar ainda mais na direção de um mundo solidário, equânime e justo. Afinal, escrever acerca da História das Mulheres é uma questão política (SCOTT, 2012).

A partir de Roger Chartier (2002), com as noções de *representação e práticas culturais*, o presente estudo foca as personagens do gênero feminino encontradas nas duas obras. Em um estudo comparado, tais obras permitem ainda uma análise a partir de pontos de vista socialmente diversos – dos estratos mais baixos aos mais elevados da sociedade chinesa – detectando assim aspectos na situação das personagens de acordo com a camada social na qual estão inseridas. O-lan na primeira obra e Madame Wu, na segunda, respectivamente, uma vez que ambas têm suas vidas atingidas e determinadas – ainda que em graus diferentes – por parte das práticas culturais anteriormente referidas.

Na China havia – e há – uma opressão do masculino em desfavor do feminino que aqui se busca investigar a fim de “[...] identificar os estratos de cultura do passado no intuito de compreender mais acuradamente as mudanças que afetam o presente” (CHARTIER, 2014, p. 28) através das seguintes questões: a) Como essa opressão se manifestava? Através de quais práticas culturais entre fins do século XIX e início do XX?; b) Dentro da cultura chinesa, naquele momento histórico, quais eram as razões que as justificavam?; e, por fim, c) Há resquícios dessas práticas nos dias atuais?<sup>11</sup>

A hipótese aqui aventada se embasa em Goucher e Walton (2011), Attané (2011), Brisset (2011) e Poceski (2013), que apontam para a influência do Confucionismo, sistema de crenças e valores baseado nos ensinamentos do antigo filósofo Confúcio, que é também a base cultural da etnia Han (XINRAN, 2017, p.133), esmagadora maioria dos 1,3 bilhão de chineses, e que assegura o culto à memória dos antepassados, através do conceito da “piedade filial”, gerando uma preferência histórica por filhos – meninos – que se agudizará com a Política do Filho Único (PFU) em 1978 contribuindo para uma distorção de “[...] 24 milhões de homens que em 2020 estarão em idade de casar, mas não conseguirão encontrar mulheres – ‘galhos secos’ da árvore genealógica, como são conhecidos no país.” (OSNOS, 2015, p. 70).

---

<sup>11</sup> Essas questões norteiam ainda o material paradidático resultado desse trabalho. Assunto que será discutido adiante na sessão “produto social”.

O presente estudo insere-se no percurso de um mestrado profissional que possibilita a realização como trabalho de conclusão, um produto que não exclusivamente um texto dissertativo. Assim, portanto, como objetivo específico, está à apresentação de uma proposta de material paradidático no formato de histórias em quadrinhos (HQs) a partir das contribuições presentes nas obras de Will Eisner (1999, 2008) e Scott McCloud (2005).<sup>12</sup> Essa HQs será um recurso que poderá contribuir com os professores da educação básica como material paradidático à educação histórica (CERRI, 2009) em uma temática que, como já demonstrado, carece de instrumentos de apoio aos educadores.

A partir de Scott (2011), neste trabalho, compreende-se a categoria *gênero* enquanto instrumento útil de análise. Afinal, como aqui será demonstrado há principalmente na sociedade imperial chinesa “[...] uma oposição fixa entre os homens e as mulheres, e identidades (ou papéis) separadas para os sexos, que operam consistentemente em todas as esferas da vida social.” (SCOTT, 2011, p. 91). Como sugerem os dados na tabela 1 (abaixo), ao que parece, essa característica não está circunscrita apenas à China. A Ásia é o continente que apresenta um déficit de 100 milhões de mulheres sendo a região do planeta mais populosa – um terço da humanidade presente nele – e, ao mesmo tempo, o mais masculino de todos (ATTANÉ, 2011).

Tabela 1 – A presença feminina nos continentes

	População em 2005 (em milhões)	Posição na classificação mundial dos países mais populosos	Número de homens por 100 mulheres	Em % da população mundial
China	1.303,7	1	105,6	20,1
Índia	1.103,6	2	105,2	17,0
Indonésia	221,9	4	100,6	3,4
Paquistão	162,4	6	106,0	2,5
Bangladesh	144,2	7	104,5	2,2
Coreia do Sul	48,3	25	100,5	0,7
Taiwan	22,7	-	103,8	0,4
Ásia	3.905,4	-	103,9	60,5
África, América, Europa e Oceania juntas	2.559,3	-	96,9	39,5
Mundo	6.464,7	-	101,0	-

Fonte: Attané (2011).

A violência de gênero contra as mulheres não é um problema restrito a China, ou a Ásia, somente. É um problema que se verifica em todos os quadrantes do planeta. Em 2019 há

<sup>12</sup> Que também serão apresentadas e discutidas no capítulo “Produto Social”, adiante.

vários estudos que atestam isso, inclusive, no Brasil.<sup>13</sup> A epígrafe com a qual iniciamos a introdução reflete a própria negação das mulheres na História. Em relação a outros temas a História demorou a perceber outras possibilidades que ao serem enfocadas poderiam trazer narrativas diferentes daquelas comodamente estabelecidas desde sempre: branca, masculina, heterossexual, rica e “vencedora.” Não à toa, o nome de um dos livros mais celebrados de Michelle Perrot e que aborda a história das mulheres se chama *Os excluídos da História* (2017).

No caso chinês, a história feminina só há pouco tem sido problematizada por algumas escritoras contemporâneas, como é o caso de Jung Chang, autora de *Cisnes Selvagens* (1994) ou Xue Xinran, autora de *As boas mulheres da China* (2007), para citar dois importantes exemplos. Uma história que, ao que somos levados a crer, parece universal no Oriente e que deve o reconhecimento a uma das precursoras na discussão destas questões na Ásia: Pearl Buck.

Figura 1 – Pearl S. Buck (1892-1973)



Fonte: The Economist (2010)

---

<sup>13</sup> Ver: *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil: indicadores nacionais e estaduais*. n. 1. Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2016. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2019.

## 1.1. POR QUE PEARL BUCK E A CHINA?

No recorte temporal desse estudo, apenas os romances da escritora Pearl Buck foram encontrados para empreendê-lo. Aliás, no caso da violência de gênero contra as mulheres na China, do ponto de vista da Literatura, as obras à disposição são abundantes em um recorte temporal pós-1949. Há ainda outras escritoras que também abordam o tema das mulheres chinesas e que alcançaram grande sucesso em terras brasileiras. Neste sentido, destacam-se as já referidas obras de Jung Chang, *Cisnes Selvagens: três filhas da China* (1994) e Xinran com as histórias de mulheres que narrou em seu programa de rádio noturno em *As boas mulheres da China* (2007).

Há ainda outras autoras chinesas e, também, norte-americanas com ascendência chinesa que igualmente possuem títulos vertidos para o português – em língua inglesa a lista se torna ainda maior. No primeiro caso cito Anchee Min (1998), Lulu Wang (2001), Wei Hui (2002), Mian Mian (2002), Adeline Yen Mah (2006) e Leslie T. Chang (2010). No segundo caso há as obras de Amy Chua (2011), Amy Tan (2014). Temos ainda Jennifer Cody Epstein (2010) ou, para não ficar apenas nas mulheres, o escritor holandês Ian Buruma com a obra *A Amante da China* (2011).<sup>14</sup>

Houve, contudo, nos idos dos anos 1930, Pearl Buck, uma prolífica escritora que por meio de seus romances antecedeu, em algumas décadas, as escritoras referidas acima. Nascida em 26 de junho de 1892 em Hillsboro, Virgínia Ocidental, Pearl Buck foi levada por seus pais para a China com três meses de idade. Aprendeu a ler e escrever em chinês, enquanto, ao mesmo tempo, recebia uma educação americana daqueles, que missionários presbiterianos.

Pearl Buck foi uma forasteira em uma terra estranha. Ainda bebê foi levada por seus pais para a China, país que residiu até a antessala da Segunda Grande Guerra. Nesse espaço de tempo, aprendeu a língua, a escrita e a cultura da China, ainda podendo sentir os ares do modo de vida chinês sob a égide de um poder dinástico, ainda que esse, àquela altura, já fosse débil. Ao se tornar, do ponto de vista cultural, nas suas próprias palavras, “bifocal”, Buck tinha uma dupla percepção do mundo, podendo enxergar o mundo através da cultura de seu país natal e, também, do país que devotou a maior parte de sua grande obra como escritora, a China.

---

<sup>14</sup> *A Amante da China* conta a biografia da atriz japonesa Yoshiko Yamaguchi que, durante a traumática invasão japonesa em território chinês nos anos 1930, atuou no cinema desse país produzindo filmes com o intuito de influenciar positivamente a opinião pública em relação aos invasores.

Arriscamos dizer que Pearl Buck hoje é o nome de um vulto. Um paradoxo para alguém que desafiou o estado das coisas desde sempre. Foi depois do viajante genovês Marco Polo, a escritora que mais aproximou a China e seu povo do Ocidente (THOMSOM, 1992 *apud* CONN, 1996). Buck contribuiu para quebrar estereótipos acerca da China na comunidade anglossaxônica, sobretudo. Ainda que, de certa forma, essa visão mitificada permaneça através do Orientalismo<sup>15</sup> que, no caso chinês, foi reforçado desde pelo menos as Guerras do Ópio iniciadas em 1839, quando a China teve seus portos bombardeados pelas canhoneiras inglesas. Após, ainda no século XIX com a conclusão das ferrovias norte-americanas construídas com mão-de-obra chinesa e que, teve como “retribuição” ao povo chinês, desde 1882, leis que vetavam a sua entrada em solo norte-americano e fomentavam o racismo e xenofobia. Tais leis permaneceriam em vigor nos EUA até o período da Segunda Grande Guerra, quando os chineses passam a deter o avanço japonês na Ásia a um custo humano altíssimo e, tornando-se assim aliados na Ásia dos norte-americanos.

Buck, com seus livros, ajudou a América a mudar sua percepção em relação a China, contribuindo na revogação de tais leis, por exemplo. Através de um profundo conhecimento adquirido durante décadas vivendo na China e, mais: viajando durante cinco anos, atuando como tradutora de seu primeiro marido, John Lossing Buck, a escritora ampliaria ainda mais seu arcabouço de vivências e conhecimento sobre o mundo chinês. O que a levaria a escrever e, muito rapidamente, ser catapultada a receber os mais prestigiosos prêmios do mundo literário em uma época em que essa seara era dominada por escritores.

Tornou-se a primeira escritora norte-americana a receber um Prêmio Nobel de Literatura no ano de 1938. Sofreu muitas críticas por isso, contudo, continuou a escrever e a canalizar o prestígio advindo desse prêmio para causas humanitárias. Após lecionar na Universidade de Nanquim e de sofrer perseguições em razão de ser estrangeira retorna em definitivo para os EUA em 1934. Logo, Buck passa a se dedicar as causas sociais na luta pelos direitos das minorias, das mulheres e das crianças órfãs filhas de soldados em terras asiáticas. Atuará também na defesa dos direitos das crianças especiais. Passa a militar em prol dos Direitos Civis. Cria fundações que ajudaram milhares de crianças órfãs a encontrar um lar nos EUA. Ainda hoje uma delas leva seu nome preservando sua memória através de

---

<sup>15</sup> Orientalismo é aqui compreendido como um conjunto de mitificações, preconceitos, estereótipos ou estigmas referentes aos povos do Oriente.

exposição permanente de sua residência, promovendo concursos literários, feiras que levam ao conhecimento de múltiplas culturas entre outros.<sup>16</sup>

Trata-se de uma literata que passou a ser traduzida para diversas línguas. No Brasil, Buck foi publicada pela então nascente Editora Globo de Porto Alegre.<sup>17</sup> Após o estrondoso sucesso de sua obra *Olhai os lírios do campo*, lançado no ano de 1938 e que lhe abriu portas, o escritor Erico Verissimo foi convidado pelo dono da editora, Henrique Bertaso, para se tornar intermediador cultural. Erico atuaria em diversas frentes. A partir de então ele objetivava ampliar as publicações da editora, almejando algo de grande prestígio. Nas palavras do próprio Verissimo (1997),

O tempo passou. A escritora americana Pearl Buck recebeu em 1938 o Prêmio Nobel de Literatura por causa principalmente de seu notável *The Good Earth*. “E se lançássemos em português esse livro?” – sugeri um dia. – Henrique achou boa a ideia mas objetou:

– Mais um contrato? Já empregamos uma pequena fortuna em adiantamentos sobre comissões a autores de livros que não pudemos ainda lançar...

– Tenho uma solução. – respondi.

– Qual é?

– Vamos aplicar “o golpe da dona Maurícia” na Pearl Buck. Tentaremos fazê-la aceitar uns chifres velhos em troca de sua “lenha”.

Eu escreveria uma carta a Pearl Buck, contando-lhe de nossa condição de editores pequenos, perdidos numa remota província dum remoto país chamado Brasil. Não quereria ela contribuir para que os leitores brasileiros – tão poucos ainda! – pudesse ler na sua própria língua o maravilhoso *The Good Earth*? (VERISSIMO, 1997, p. 80-81)

Antonio Hohldfeldt (2004) nos auxilia no desfecho dessa história.

De um lado, Erico e Henrique, dominando o idioma inglês, tratavam de verificar os lançamentos recentes internacionais, em especial dos Estados Unidos. De outro, sendo a Globo ainda uma pequena editora quase clandestina, procuravam garantir investimentos pequenos, que trouxessem rentabilidade, como ocorreu com os direitos autorais de *The good earth*, comprado a Pearl Buck por apenas cinquenta dólares e lançado, sob o título de *China, velha China*, com enorme sucesso. Erico Verissimo, muitos anos depois, chegaria a conversar pessoalmente com a escritora, contando-lhe a aventura e conseguindo manter os direitos autorais daquele livro, à base dos dez por cento habituais. (HOHLDFELDT, 2004, p. 117)

A Editora Globo adquiriria ainda o direito de publicação de outras obras de Buck. Sob o selo da “Coleção Catavento” publicou *A Flor Oculta, Casa Dividida, Debaixo do Céu, O Patriota, Os Filhos de Wang Lung, Pavilhão de Mulheres, Vem, Meu Amor e, Vozes da Casa*. Conforme Conn (1996),

<sup>16</sup> Pearl S. Buck International Welcome House. Disponível em: <https://www.facebook.com/pearlsbuckinternational/>. Acesso em: 3 nov. 2019.

<sup>17</sup> As obras de Buck também foram publicadas no Brasil pelas editoras Melhoramentos e Abril Jovem.

Desde que ela viveu por tantos anos na China, e falou e leu chinês, Buck teve um ponto de vista único como testemunha da criação da moderna nação chinesa. Ela foi pega na Revolta de Boxer de 1900, a Revolução de 1911 e as guerras civis das décadas de 1920 e 1930. Ela conheceu pessoalmente alguns dos homens e mulheres que participaram do movimento "ciência e democracia" e do movimento de 4 de maio. Participou dos debates sobre o Confucionismo e foi uma observadora solidária da luta chinesa pela emancipação das mulheres. (CONN, 1996, p. XVIII)<sup>18</sup>

De acordo com Franco (2007, p. 112), o texto de Buck é corolário dos textos chineses que apresentam uma prosa simples, sem palavras rebuscadas ou orações complexas, pois, os textos populares chineses eram escritos para serem lidos em voz alta para uma grande massa de analfabetos. Essa influência em seu texto levou Buck a sofrer muitas críticas quanto à qualidade dele na ocasião em que fora laureada com o Nobel de Literatura. Nas palavras de Buck (1960):

As dúvidas que eu talvez tivesse a meu respeito iam ser dobradas e triplicadas pelos meus colegas na literatura. O argumento essencial das suas críticas, que surgiram em grande número, rezava que nenhuma mulher, quiçá como uma única exceção da veterana escritora Willa Carther, merecia o Prêmio Nobel, e que, dentre todas as mulheres, era eu a que menos o merecia por ter pouca idade e escassa bagagem literária. Também afirmavam que mal podia ser considerada americana, uma vez que escrevia sobre os chineses e passara a minha vida exclusivamente naquela parte remota e exótica do mundo. (BUCK, 1960, p. 70)

Esse trecho aponta para as críticas recebidas em relação ao fato de ser mulher escritora e ser laureada com o mais importante prêmio literário. Com esse trecho ainda, destaca-se novamente o fato de que Buck viveu um grande período de sua vida na China. Uma das principais razões para sua escolha na pesquisa do presente trabalho. Afinal, com base na História Cultural, infere-se que o meio no qual vive um escritor influencia nas representações da sua escrita, ainda que em uma obra de ficção, pois “[...] quem quer que seja, não pode subtrair-se às determinações que regulam as maneiras de pensar e de agir dos seus contemporâneos.” (CHARTIER, 2002, p. 40). Assim ao se considerar que Buck viveu cerca de quarenta anos na China (CONN, 1996), aceita-se a premissa de que seu texto foi influenciado por sua vida e meio social, considerando, portanto, que a sua produção literária traz as representações das práticas culturais que testemunhou na China. Ademais, é válido

---

<sup>18</sup> Tradução livre do autor. No original: “Since she lived for so many years in China, and spoke and read Chinese, Buck had a unique point of view as a witness to the creation of the modern Chinese nation. She was caught up in the Boxer Revolt of 1900, the Revolution of 1911, and the civil wars of the 1920s and 1930s. She personally met some of the men and women who participated in the "science and democracy" movement and the May 4 movement. She participated in the debates on Confucianism and was a sympathetic observer of the Chinese struggle for the emancipation of women.”

lembrar Pesavento (2008, p. 84), “[...] o grande escritor detém como ninguém a capacidade de estetizar, transpondo em texto as sensibilidades de uma época, ele é, sem dúvida, um leitor privilegiado do social.” Respondida a primeira parte da pergunta dessa sessão, insiste-se: por quê a China? Vamos iniciar uma tentativa de resposta com Ferguson (2016). Para ele,

Em termos demográficos, faz muito tempo que a população das sociedades ocidentais representa uma minoria dos habitantes do mundo, mas hoje ela está visivelmente definhando. Um dia tão dominantes, as economias dos Estados Unidos e da Europa estão atualmente diante da possibilidade real de ser superadas pela China em 20 anos, ou mesmo em dez [...] O poderio militar e econômico do Ocidente parece estar se desgastando no Grande Oriente Médio, do Iraque ao Afeganistão, ao passo que o “Consenso de Washington” sobre a política econômica de livre mercado se desintegra. A crise financeira que começou em 2007 também parece indicar uma falha fundamental no cerne da sociedade de consumidores, com sua ênfase na terapia de consumo estimulada pela compra a prazo. A ética protestante da prosperidade, que um dia pareceu tão central ao projeto ocidental, praticamente desapareceu. Enquanto isso, as elites ocidentais são acoçadas por medos quase milenares de um apocalipse ambiental vindouro. (FERGUSON, 2016, p. 41)

No trecho acima, há uma discussão mais ampla proposta pelo historiador britânico ao abordar o declínio do Ocidente, enquanto região do planeta que exerceu uma supremacia incontestada nos últimos séculos. É interessante observar que ao longo de toda a sua obra, Niall Ferguson cita a China como provável nova potência a despontar no planeta a ponto de desafiar a atual hegemonia norte-americana. Ferguson (2016), assim como Osnos (2015) e Xinran (2017), expressa em seus textos o espanto diante da magnitude das obras que viram na China seja na construção civil, indústria ou no setor naval e que lhes deu a ideia da dimensão das transformações que estão ocorrendo lá. Não apenas eles, mas outros teóricos já discutem um sintomático declínio dos Estados Unidos da América (EUA) no centro do poder global em prol da ascensão chinesa.<sup>19</sup>

A China e a sua cultura já não estão tão distantes quanto o senso comum possa imaginar. Estereótipos, generalizações e associações errôneas são frequentes em relação à miríade de povos do Oriente – Orientalismo – que, são muitas vezes justificadas por se tratar de povos “parecidos”, pois, “possuem olhos puxados”. Tais confusões diminuiriam caso se conhecesse mais de perto a história e a cultura daqueles países. Algo que exige esforço dada a diversidade de povos e culturas existentes na Ásia. Um meio significativo para este intento pode ser iniciarmos por conhecer um “pouquinho” do país que mais cresce em importância econômica e geopolítica no planeta, no qual, boa parte das coisas que utilizamos em nosso dia

---

<sup>19</sup> Ver, por exemplo: FERGUSON, Niall *et al.* *O século XXI pertence à China?: um debate sobre a grande potência asiática*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. Tradução de Bruno Alexander.

a dia foi construída ou fabricada a partir de uma mão de obra abundante e barata que tem feito setores da economia dos países em cujos mercados os chineses ingressam para competir, se inquietarem, para dizer o mínimo.

Tal inquietação é sentida principalmente nos mercados. No Rio Grande do Sul, por exemplo, houve o impacto na indústria calçadista na cidade de São Leopoldo.<sup>20</sup> Afinal, a China é um país que após o refreamento de um século e meio de crises e catástrofes humanitárias em que se contam as mortes na casa das dezenas de milhões, reergue-se e assume um papel de destaque nas relações internacionais. Números superlativos em desenvolvimento econômico estável há décadas atestam a “emergência de um novo tipo de desafio a ordem mundial anglo-saxônica: o desenvolvimento asiático crescentemente liderado pela China.” (VISENTINI, 2008, p. 213).

Assim, a fim de demonstrar o alcance da cultura chinesa no mundo atual e a necessidade da pertinência de sua compreensão, ainda que inicial, partimos de Cecília Meireles, quando ela, ao explicar a ideia de liberdade, em *Romanceiro da inconfidência* (1965, p. 81), escreveu que “[...] é uma palavra que o sonho humano alimenta: que não há ninguém que explique, e ninguém que não entenda.” Da mesma forma, parafraseando a poetisa, dir-se-á que não há quem explique cultura – há vários significados que a palavra comporta – e ninguém que não a entenda, pois até mesmo entre os antropólogos o conceito não esgotou as discussões acerca da sua definição (LARAIA, 2004).

Assim, neste trabalho, conforme definição do antropólogo norte-americano Clifford Geertz (*apud* LARAIA, 2004), cultura será compreendida como uma “visão de mundo”, ou melhor, como algo que não é transmitido numa carga genética de DNA, mas que é apreendido pelo indivíduo na sua relação com os demais desde o nascimento até a morte. É um conjunto de códigos valorativos de signos ou símbolos que condiciona o indivíduo a viver, determinando, inclusive, a forma como ele se apropria e se relaciona com o meio em que vive. Esse conjunto de códigos, signos ou símbolos não está circunscrito a um espaço geográfico apenas, nem restrito a um grupo de indivíduos, já que existem inúmeras culturas que se interrelacionam e se transformam ao longo do tempo. Nesse sentido, a cultura chinesa tem apresentado cada vez mais alcance no mundo. Embora, do ponto de vista das transformações,

---

<sup>20</sup> Calandro (2007) coloca: “As informações sobre o desempenho da indústria gaúcha de calçados no período jan.-abr./07, comparadas com as de igual período de 2006, mostram um agravamento das dificuldades enfrentadas. Nesse período, as vendas externas, em pares e em valores, caíram 13,8% e 1,7% respectivamente, enquanto a produção registrou uma drástica redução de 15%. As explicações para esses resultados não são novas: **além do excepcional crescimento da produção e das exportações chinesas**, contribuem para a crise as condições macroeconômicas adversas.” Disponível em: <http://carta.fee.tche.br/article/a-persistente-crise-da-industria-calçadista-gaucha/>. Acesso em: 12 mar. 2019.

ao que somos levados a crer, parecem ser mais reticentes. Ainda assim manifestações da cultura chinesa são encontradas em uma pretensa sabedoria oriental da qual o Ocidente busca entre outros, a prática de exercícios, e, uma filosofia de vida que se supõe ser mais saudável.

Figura 2 – Influência da cultura chinesa



Fonte: Souza (2012).

Nos quadrinhos acima, vemos as personagens do quadrinista Maurício de Souza, Cascão e Cebolinha, vendendo os “biscoitos da sorte” a Mônica e Magali. Cascão utiliza na cabeça um característico chapéu cônico de vimes trançadas. Somos informados por Cebolinha de que a “[...] *tladição* do biscoito da sorte se iniciou no século XII!” e que os “[...] chineses *plecisavam* passar mensagens *secletas* sem que elas caíssem nas mãos de seus inimigos e *pla* isso usavam bolinhos assados!” Cebolinha continua: “Hoje em dia, os biscoitos da *solte* são conhecidos no mundo todo pelas mensagens bonitas que *tlazem!*” (SOUZA, 2012, p. 3). Entretanto, não são apenas os biscoitos da sorte ou o chapéu cônico que em geral são associados ao povo chinês. Para os iniciados na cultura chinesa há mais.

E a indústria cultural, na acepção da Escola de Frankfurt,<sup>21</sup> explora toda uma gama rica em signos ou símbolos – por exemplo, Feng Shui, Sun Tzu, Yin Yang, acupuntura, etc. – que é compartilhada com o mundo inteiro, sempre associado à China. Trata-se de um rentável mercado através da literatura, HQs, jogos de videogames, horóscopo – o corrente ano é, conforme os chineses, o ano do porco, aliás –, autoajuda, entre outros, que giram a roda da

<sup>21</sup> Conforme Adorno (2002), o conceito *indústria cultural* refere-se à indústria que fabrica ilusões padronizadas e extraídas do manancial cultural e artístico. Essa indústria se mercantiliza sob os aspectos dos produtos culturais voltados para obter lucro.

economia. Mas, mais do que isso, criam um encanto, um fascínio, uma espécie de mistério que desperta a curiosidade das pessoas em conhecer a cultura chinesa.

Acerca disso há hoje no mundo os institutos Confúcio, centros de estudo mantidos pelo Estado chinês que, instalados em vários países aproximam os entusiastas da cultura chinesa e da sua língua, ali ensinadas.

O nome desses institutos – conforme Luís Antonio Paulino, na apresentação da obra de mesmo nome,<sup>22</sup> estão presentes em 369 universidades em 69 países, – faz referência ao antigo filósofo chinês<sup>23</sup> que é talvez o expoente máximo da cultura chinesa hoje. Entre outras invenções estão ainda à pólvora, o papel e da massa de macarrão, que, segundo os chineses, foram criados por eles muito antes da Europa.

Em suma, todos esses signos, alguns com nomenclaturas e grafias peculiares nos remetem à China que tem na sua cultura “[...] a mais valiosa fonte de poder brando chinês.”<sup>24</sup> (MINGJIANG, 2008 *apud* Breslin, 2010, p. 43). E, pela qual, apesar de tantas relações possíveis, conhecemos tão pouco. Algo que – no âmbito acadêmico e, logo, educacional – apontam para uma provável falha, uma vez que, não é exagero dizer, a China tem cada vez mais atrelado o rumo do planeta ao seu, questão que remete a um interessante debate acerca das relações de poder em um monumental tabuleiro, o espaço geográfico global, num complexo e intrincado jogo de xadrez. Ou seria de mahjong? (Jogo de tabuleiro chinês). Como demonstra Mitter (2011), há em curso a ascensão de um gigante.

A China é o país mais populoso do mundo, com cerca de 1,3 bilhão de habitantes no século XXI. Sua economia cresceu na primeira década deste século a uma média de 10% por ano. O país está procurando um papel regional e global, com uma nova presença política e econômica na África, América Latina e no Oriente Médio, e tem dado passos frequentes para se apresentar como um membro responsável da comunidade mundial, desempenhando um papel em áreas conturbadas, como o Irã e a Coreia do Norte, onde o Ocidente tem pouco controle. As Olimpíadas de Beijing em 2008 marcam o debut da China como um membro integrado da comunidade mundial das nações, o apogeu da “ascensão pacífica” que o país tem planejado e construído desde meados da década de 90. (MITTER, 2011, p. 10)

Desta forma a China entra em rota de colisão com os EUA. Que, após a sua fulminante vitória na Guerra do Golfo contra o Iraque, logo após a derrocada da URSS, teve o anúncio pelo então presidente George Bush “pai” da Nova Ordem Mundial, a qual, na

<sup>22</sup> CONFÚCIO. *Os analectos*. São Paulo: Unesp, 2012. p. VII.

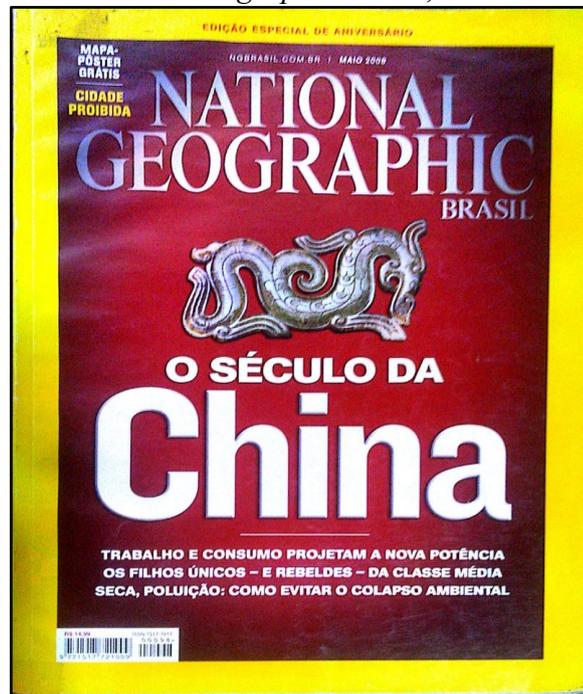
<sup>23</sup> Cujas grafias neste texto será mantida em sua forma latinizada, em razão de o filósofo já possuir seu nome largamente difundido dessa forma no mundo.

<sup>24</sup> De acordo com Joseph Nye (2012), o poder brando ou o *soft power* é a influência ou a capacidade de afetar os outros utilizando meios cooptativos da agenda, persuasão e produção de atração positiva para a obtenção de dados preferidos.

interpretação do cientista político Francis Fukuyama (1992), se traduziria no “fim da História” pela ausência de uma potência que pudesse representar uma ameaça como a que ex-União Soviética representava contra a liderança dos EUA no sistema das relações internacionais. Que, se tornaria assim quase que integralmente capitalista, alcançando-se, portanto, a paz e a aurora de um novo século de hegemonia norte-americana.

Ocorre que, às vésperas de se completar três décadas do fim da Guerra Fria (1949-1991) e da emergência da Nova Ordem Mundial, o mundo parece cada vez mais estar caminhando para um século chinês tal como sugere a capa da *National Geographic Brasil*, de maio de 2008, reproduzida a seguir:

Figura 3 – *National Geographic Brasil*, maio de 2008



Fonte: acervo pessoal (2019).

Tal fenômeno vem sendo discutido desde fins do século XX e ainda mais no início do século XXI. As razões para essa inquietação, particularmente em torno da China, são muitas, contudo, para os limites deste trabalho, apresentaremos três delas.

Em primeiro lugar, a China é a segunda economia do planeta.<sup>25</sup> Absorve petróleo, cimento, aço e *commodities* para as suas gigantescas necessidades em um crescimento hoje não incólume às questões ambientais ou ao plágio de projetos industriais. É o país que mais recebe investimentos estrangeiros no mundo. Desde as reformas de Deng Xiaoping, após a

<sup>25</sup> “[...] A China não para: é, de longe, o país que mais cresceu desde 1980. Uma média de 9,6 % ao ano neste quarto de século. Significa dizer, por exemplo, que nos últimos três anos acrescentou quase um Brasil inteiro ao seu PIB.” (*Veja*, edição 1968, n. 31, 9 ago. 2006, p. 148).

Revolução Cultural (1966-1976), o dragão chinês experimenta um crescimento econômico crescente e estável. Como a atual oficina do mundo, é o principal mercado consumidor e parceiro comercial não só dos EUA, como também do Brasil.

Em segundo lugar, vê-se que essa ascensão econômica e o ingresso de pelo menos 300 milhões de chineses na classe média preocupa ambientalistas que lançam a seguinte reflexão:

O planeta Terra tem capacidade para suportar “mais dois EUA” em relação a matrizes energéticas, consumo e poluição ambiental? [...] o fato é que nem mesmo um quarto da população da China e da Índia pode adotar o modo de vida norte-americano de produzir e consumir sem matar por sufocação a si mesmo e ao resto do mundo. (ARRIGHI, 2008, p. 392)

No texto do jornalista Colin Mason (2017), igualmente transparece a magnitude e a velocidade com que a China se urbaniza e se industrializa numa velocidade sem precedentes na história da humanidade. Mason expressa o mesmo espanto já referido por outros pensadores anteriormente citados, contudo, sublinha no trecho a seguir as consequências disso para o planeta Terra. Nas suas palavras

A China tem ano após ano usado mais do que a metade da produção de cimento e mais de um terço do aço produzidos no mundo. Ao longo das últimas duas décadas seu consumo de energia dobrou, e é responsável por 40% do consumo global de cobre e alumínio, tornando-se uma importante produtora de quase todo tipo concebível de mercadorias para o mundo.

[...]

Contudo, cidades de sonhos e indústrias massivas possuem seu lado negativo. Mais de 80% da energia da Ásia vem da queima de combustíveis fósseis poluentes, de modo que a região em 2013 emitiu cerca de 40% dos gases do efeito estufa do mundo – esse número foi 30% em 2000. A China, que é agora a maior emissora do mundo, é responsável por cerca da metade do uso de carvão no mundo. Nuvens espessas e persistentes de fumaça e céus cinza são agora a norma das maiores cidades da Ásia. (MASON, 2017, p. 11)

Mason ainda aponta para 10.000 mortes prematuras em razão da poluição extrema nas grandes megalópoles como Pequim, Xangai, Guangzhou e Xian. Para ele a poluição advinda desse modelo de desenvolvimento apresenta um dilema à China.

Em terceiro, a liderança norte-americana e europeia tem sido minada pelos chineses. No continente africano, por exemplo, eles oferecem ajuda econômica aos países sem o ônus da interferência doméstica, como fazem EUA, Europa ou órgãos internacionais multilaterais como o Fundo Monetário Internacional (FMI) (VISENTINI *et al.*, 2013). Assim, pouco a pouco, a China sufoca Taiwan, barganhando com os demais países a fim de reaver sua “província rebelde.” Entrementes, há uma guerra comercial entre EUA e China que ganhou contornos claros a partir da campanha presidencial norte-americana de 2016 na qual o então

candidato republicano Donald Trump prometera reverter o déficit da balança comercial norte-americana em relação à China (cerca de 375 bilhões de dólares ao ano).<sup>26</sup>

A título de exemplo, uma revista especializada em Negócios aborda o tema.

Figura 4 – Revista *Exame CEO*, setembro de 2019



Fonte: acervo pessoal (2019).

Consoante Breslin (2010, p. 50), “[...] é quase impossível separar o estudo das relações regionais chinesas das concepções de (in)segurança dos Estados Unidos.” Muito embora a China faça parte do “clube atômico”, possuindo, inclusive, um assento permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) – fatores que denotam o contorno de uma potência no âmbito das relações internacionais – adota uma postura *soft power* de crescimento econômico e liderança no planeta. Assim, por meios pacíficos, atrai parceiros estratégicos ou converte adversários em aliados. Contudo, é importante destacar seu desenvolvimento militar. José Luís Fiori (2008), por exemplo, salienta que a China

[...] investe hoje pesados recursos na modernização de suas forças e dos seus arsenais. Como no caso da frota submarina chinesa, movida a energia diesel e a energia atômica, o que caracteriza uma indiscutível preocupação do controle marítimo do Pacífico Sul. E o mesmo se pode dizer do recente desenvolvimento do sistema chinês de ataque e destruição de satélites – uma tecnologia que só era controlada pelos Estados Unidos e pela Rússia – que, capacita o país a destruir o

<sup>26</sup> G1- Globo. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/06/bolsas-da-china-tem-maior-queda-em-mais-de-3-anos-apos-novas-ameacas-de-trump.ghtml>. Acesso em: 2 nov. 2019.

nexo básico de controle informacional da nova tecnologia de guerra norteamericana. (FIORI, 2008, p. 61-62)

Há, porém, um limite claro a este fenomenal crescimento econômico: sua população. Ainda que os sistemas de automação venham progressivamente substituindo cada vez mais a mão de obra humana nos processos produtivos – como já se observa no mercado brasileiro em diversos setores da economia devido ao progressivo aumento do desemprego estrutural –, no caso chinês, a população está envelhecendo e apresenta uma drástica redução em sua população economicamente ativa (PEA), sobretudo do sexo feminino, efeito colateral também da PFU, que, entre os especialistas, é apontada como um programa acertado. De acordo com Xinran (2017),

[...] ao longo de mais de vinte anos, desde o início da política do filho único até pouco antes de a lei ser sancionada, a taxa de natalidade na China caiu de 5,44 em 1971, para 1,84, em 1998. Esses quase trinta anos de controle de natalidade resultaram em 238 milhões de crianças a menos na China. Em 2012, esse número havia inchado para aproximadamente 400 milhões de nascimentos a menos. Seria possível argumentar que se trata de uma grande contribuição para o controle populacional global. Porém, é mais difícil avaliar o custo daquilo que duas gerações de chineses tiveram de aguentar. Incontáveis famílias financeiramente arruinadas por multas, números incalculáveis de bebês do sexo feminino abandonados, um envelhecimento catastrófico da população e geração de filhos únicos que perderam a chance de experimentar as estreitas relações entre irmãos. (XINRAN, 2017, p. 19)

Na maior parte da população chinesa o sistema de valores substantivado no confucionismo que, vigorou por vários séculos, e que, mais tarde fora inclusive atacado pelo Partido Comunista Chinês (PCC), persiste. E uma das suas principais características é a preferência dos chineses por filhos em detrimento de filhas. Historicamente esse é um traço que tem se mantido ao longo dos séculos e que deságua na contemporaneidade como um delicado problema demográfico que degenera em mais violência de gênero contra as mulheres. No relato abaixo vislumbramos a curiosa situação – do ponto de vista Ocidental – no qual os pais levam os seus filhos nos finais de semana a praças com o intuito de exibí-los na esperança de que possam encontrar uma pretendente. De acordo com Sônia Bridi (2008),

[...] o que traz esses pais ao parque para anunciar os filhos em casamento é o desespero – de pensar que os filhos talvez nunca se casem, nunca tenham seus próprios filhos, sigam, uma vida incompleta. A causa, o desequilíbrio demográfico. Na China, o controle de natalidade agravou a situação que já existia desde sempre – o nascimento de um número maior de meninos do que de meninas, ou, em termos mais verdadeiros, a sobrevivência dos meninos e o sacrifício das meninas. A tradição chinesa prega que o filho homem mais velho é responsável pelos pais na velhice. Na morte do filho mais velho, o seguinte assume a responsabilidade. E diz que a filha mulher, ao se casar, deixa de pertencer à família do marido. É para com os pais do marido que ela tem obrigações, não para com seus pais biológicos. Sogro

e sogra são chamados de pai e mãe pela nora. Toda a obediência e autoridade que a filha dispensava aos pais agora ela deve ao marido, aos pais e irmãos dele. Já o filho homem tem o dever de honra de cuidar dos pais até a morte. Ele carrega o nome da família e é a garantia de que seus progenitores terão uma velhice segura. (BRIDI, 2008, p. 253)

Em razão da questão cultural, somada à proibição pelo PCC em 1978 de mais de um filho por casal, se agudizou a preferência por meninos em detrimento das meninas o que trouxe importantes consequências tanto pela diminuição de mulheres no país como pela pressão social em torno do filho único dos casais que, não raro, deverão responder pela velhice de seus pais e avós (TREVISAN, 2017). Tal questão é um tema sensível na sociedade chinesa, pois, aponta para o limite de sua PEA que envelhece rapidamente em um país que possui muita demanda por sua mão de obra além, de não possuir um sistema de previdência social que assegure uma vida confortável aos seus milhões de idosos.

Numa perspectiva histórica de longa duração, que considere o período imperial, a breve fase da instauração da república ou a ascensão de Mao ao poder e ainda hoje na contemporaneidade, as consequências para as mulheres chinesas têm resultado em dramas que ficam submersos no anonimato de uma população hoje estimada em 1 bilhão e 300 milhões de habitantes. E as consequências, ao que parece, são demonstradas apenas em livros, majoritariamente de jornalistas que visitaram o país na antessala dos jogos olímpicos de 2008. Um deles, Scofield Júnior (2007), ao abordar a questão do programa do filho único instaurado pelo PCC, aponta que o

[...] programa familiar deu certo na tarefa de controlar o ímpeto reprodutivo da maior população do planeta, mas teve efeitos colaterais. Na China, depois de cerca de trinta anos de planejamento familiar, as mulheres simplesmente deixaram de nascer na mesma proporção que os homens. Explique-se: no último censo demográfico chinês, de 2000, o país descobriu boquiaberto que, para cada cem chinesas nascidas, na média nacional, nasciam 117 chineses. Em províncias como a próspera Guangdong ou turística Hainan, no sul, essa relação era de cem para 130.

[...]

“Com a imposição do filho único, muitas famílias, especialmente as mais pobres e as das áreas rurais, passaram a preferir filhos homens, pois esses podem ajudar nas tarefas pesadas das fazendas ou garantir o sustento dos pais quando eles já estiverem velhos a ponto de não conseguirem mais trabalhar. As mulheres, eles imaginam, simplesmente casam e vão embora”, conta Hao Linna, diretora da Comissão de Planejamento Familiar e População Nacional do governo chinês.

Hao é de uma franqueza desconcertante para explicar essa preferência por filhos homens. Ao saber o sexo dos bebês ainda no útero, muitos casais chineses decidiam fazer um aborto para tentar depois engravidar de um menino. Aos poucos, a composição demográfica por sexo passou a se desequilibrar a tal ponto que o governo decidiu criar o programa “Cuide das meninas”, que consiste em informar as famílias em áreas consideradas críticas sobre o absurdo do conceito que possuem da mulher. (SCOFIELD JÚNIOR 2007, p. 16-17)

De fato, reprimir o crescimento populacional exponencial chinês foi sim algo acertado em razão do impacto dessa população sobre o planeta Terra. Contudo, a violência de gênero sofrida historicamente pelas mulheres se agudizou em decorrência disso, e, é ainda hoje um tema pouco abordado e problematizado.

## 1.2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Até muito recentemente, eu pensava em Chongqing e Chengdu, essas capitais regionais do interior da China, como cidades ricas e tranquilas, mas nesses locais vi operárias numa fábrica de seda mergulharem suas mãos na água fervente para extrair as larvas dos bichos da seda, e mal ganhavam 50 dólares americanos por mês. Na periferia de Xangai, uma varredora de ruas não ganha menos de 600 iunes, ou seja, 60 euros por mês.

Como a pobreza e a prostituição andam de mãos dadas, estou convencida de que, dentre essas mulheres, muitas tenham cedido por esse motivo. Contudo, muitas delas servem-se da “necessidade de ajudar em seus lares” como justificativa para sua entrada na prostituição. Por exemplo, uma dessas garotas contou-me que seu pai havia morrido, que sua mãe tinha ficado doente e que seu irmãozinho precisava estudar (mas na China não há a política do filho único?), então ela havia deixado a cidade de Shenyang, no norte, para vir “trabalhar” em Xangai.

[...]

Uma mulher de classe social média-baixa e originária do campo contou-me que, quando nasceu e seus pais souberam que se tratava de uma menina, livraram-se dela jogando-a num poço cheio de terra. Sua avó havia procurado por ela, mas sua cabeça já havia batido contra a parede de poço. Continuando a falar comigo, a jovem levantou sua ampla testa que estava escondida e pude ver uma enorme cicatriz que atravessava sua fronte.

Sua avó mandou-a para um lugar longínquo nas montanhas, para que pessoas amigas tomassem conta dela, o que lhe salvou a vida. Seus pais, como sempre haviam desejado, tiveram um menino em seguida.

Como não podia se apoiar inteiramente na vó, desde cedo levou uma vida errante, ao sabor dos caminhos, e como tinha tido, apesar dos pesares, a sorte de ter um certo charme, acabou por entregar-se à prostituição para viver. Enviava para a avó todo o dinheiro que ganhava. Esperava trabalhar ainda algum tempo, e quando tivesse dinheiro suficiente, partiria ao encontro da avó para que pudessem viver juntas.

Perguntei-lhe se voltaria a morar no campo, e ela respondeu-me: “Jamais!”

Ainda recentemente, cada vez que se ouvia ecoar o gongo num vilarejo, os habitantes sabiam que não deveriam aproximar-se dos lagos. É claro que há pessoas que desejam ter uma filha. E quando se descobria o corpo de uma menininha flutuando na superfície da água, tocava-se o gongo para que as pessoas não chegassem perto antes que o corpo fosse recuperado, a fim de evitar angustiá-las.

Num país como a China atual, que se encontra num período em que “todos os olhares se voltam para o dinheiro”, a taxa de pobreza literalmente alçou voo. Em consequência, as pessoas consideram que muitas prostitutas entraram na profissão por motivos materiais críticos. (ANG, 2011, p. 543-544)

Nesse longo relato a escritora taiwanesa Li Ang (2011) nos demonstra como em muitos rincões provincianos da China contemporânea ainda persistem práticas culturais que este trabalho investiga no passado chinês, razão pela qual não poderia não prescindir dele. Ang que investigou a rota chinesa de prostituição entre Xangai, Hong Kong e Taiwan,

demonstra que a pobreza massacrante de um país que ironicamente mais enriquece no planeta hoje, favorece o ingresso das mulheres no mundo da prostituição. Em seu relato vislumbramos a prática cultural do infanticídio de meninas em razão da preferência dos casais por meninos.

Em sua pesquisa, ela constatou que a maior parte das prostitutas<sup>27</sup> é proveniente da região nordeste da China, como já demonstrado, da região interiorana da China. Conforme a autora, quase não há “profissionais” xangainenses em Xangai.

No presente trabalho, abordamos práticas culturais realizadas contra as mulheres na China antiga. Práticas que eram socialmente aceitas e realizadas com o consentimento, inclusive, delas próprias muitas vezes. Aqui, colocamos como um ponto temporal de referência o período em que Pearl Buck viveu na China e, dentro do qual, fatos históricos importantes ocorreram naquele país. Como, por exemplo, a queda do regime imperial chinês em 1911. É nessa janela histórica que buscamos abordar e problematizar um período breve entre fins do século XIX e o primeiro quarto do século XX, através da literatura de Buck.

É interessante observar que um século já se passou em relação ao fim do regime imperial e, ao mesmo tempo, diversos textos de autores contemporâneos nos indicam uma persistência em relação à forma como são consideradas as mulheres na sociedade chinesa no início do século XXI.

Em relação aos que escreveram acerca da China todos concordam que a perpetuação da linhagem familiar faz com que as famílias anseiem por filhos, pois, a linhagem familiar só pode ser perpetuada por eles. Conforme Gelber (2012) esta visão continua no século XXI. Para o autor, outras

[...] dificuldades se originaram do fato de que as famílias chinesas sempre quiseram ter filhos que perpetuassem o nome da família, herdassem as propriedades e cuidassem dos pais, em vez de meninas que precisam de dote e que cuidariam da família do marido. À medida que mais pessoas têm acesso à ultrassonografia e podem fazer mais abortos, a preferência por meninos distorceu a proporção entre os sexos. Uma proporção normal, que reflita a maior longevidade das mulheres, é de 105 meninos para 100 meninas. No momento em que este livro foi escrito, a proporção na China era de 118 para 100. As consequências são graves. Estima-se que em 2020 a China terá pelo menos 23 milhões de homens solteiros sem esperanças de encontrar uma esposa. Já aconteceram histórias de raptos de mulheres de outras províncias. Em alguns lugares, sobretudo nas regiões rurais mais pobres, uma mulher pode ser obtida, por rapto ou compra, por um grupo de irmãos e servir como esposa para todos eles. (GELBER, 2012, p. 458)

---

<sup>27</sup> Como Ang Li preferiu fazer referência em seu texto ao invés do politicamente correto “profissionais do sexo”.

Kynge (2007) vai além ao demonstrar as consequências no interior da China, onde a modernização urbana e disseminação de valores ocidentais não estão presentes da forma como pode ser encontrada em cidades como Hong Kong, outrora possessão britânica que hoje é uma das Zonas Econômicas Especiais (ZEE):

Quando uma mulher rural se casa, ela deixa seus pais e se torna propriedade da família do marido. “Uma mulher se casa para fora, do mesmo jeito que a água [servida] é jogada fora de casa”, como explica um velho ditado. Espera-se que ela trabalhe e obedeça a qualquer pessoa na linha masculina – seu marido, o pai dele e seus irmãos. Sua única esperança de mudar esse estado de privação de direitos civis é dar à luz sua base de poder, um filho. Mas mesmo que ela consiga isso, tem de se manter vigilante quanto à sogra, que muitas vezes fica desconfiada ante a crescente influência da nora. A relação entre sogra e nora tem sido um tema constante na tragédia literária, e por bons motivos. Embora as hierarquias familiares tenham se afrouxado nas cidades, o interior ainda é um lugar cruel para mulheres jovens que se consorciam.

O suicídio entre moças no interior se configura como uma das grandes doenças sociais da China. O número de mulheres que se suicidam – cerca de quinhentas por dia, em média – é muito mais alto tanto em valor absoluto quanto em relativo, que em qualquer outro país. Cerca de 56% dos suicídios femininos do mundo são na China, de acordo com um estudo feito pelo Banco Mundial, a Universidade de Harvard e A Organização Mundial de Saúde. É claro que esse número não inclui o grande contingente das que tentam se matar mas não conseguem. O método mais comumente empregado é beber pesticida, que está mais facilmente à disposição. Resulta numa morte rápida e intensamente dolorosa, que pode ser evitada se for feita uma lavagem estomacal a tempo. Embora a causa geral para o suicídio seja um sentimento de desalento e rejeição, o estopim em geral é a violência física. Os jornais estão cheios de histórias de horripilante violência conjugal. (KINGE, 2007, p. 67-68).

É, portanto, importante evidenciar que o tema das mulheres na China é um tema que recebeu pouca atenção das Ciências Sociais. E que, muito embora haja livros didáticos que destaquem os *Guerreiros de Terracota* ou a *Muralha da China* na sua capa<sup>28</sup>, por exemplo, em geral, no ensino de história no Brasil, o tema China é novo.

No ensino fundamental ele é abordado no 6º e 9º anos apenas. Há um hiato no 7º e 8º anos em relação a este país que é hoje a oficina do mundo. Nos livros didáticos do ensino médio que partem de uma concepção eurocêntrica e quadripartite, inclusive, há obras que tocam no tema, de forma breve, a partir do imperialismo britânico no século XIX e da Revolução Chinesa em 1949.<sup>29</sup> Para o historiador Wladimir Pomar (2003),

Nos anos 50 e 60, algumas obras de Mao Zedong (Mao Tsé Tung) foram vertidas para o português e surgiram livros de autores brasileiros sobre diferentes aspectos daquele país. Depois, somente a partir de 1980, foram publicadas traduções de obras francesas e norte-americanas e começaram a aparecer textos acessíveis sobre a

<sup>28</sup> *História: sociedade e cidadania* (2014), de Alfredo Boulos, e a obra coletiva intitulada *Projeto Araribá: História* (2007), de responsabilidade da editora Maria Raquel Apolinário, respectivamente.

<sup>29</sup> Ver, por exemplo, *História do Mundo Ocidental* (2005), para Ensino Médio, de Yone Carvalho et al.

China, para estudantes do segundo e terceiro graus. No entanto, são em pequeno número e abrangem apenas parte da diversidade e complexidade da história daquele país. (POMAR, 2003, p. 13)

No repositório da Capes, os trabalhos existentes cobrem questões relacionadas às áreas de Administração, Ciência Política, Direito, Economia. Referente às mulheres, apenas um trabalho foi encontrado<sup>30</sup>. Da mesma forma, a historiografia principal a qual se dispõe para pesquisa está em sua maioria em língua estrangeira. No Brasil, são quase inexistentes trabalhos de fôlego escritos por autores chineses. Numa leitura preliminar, quem mais escreveu sobre as mulheres na China foram às próprias chinesas.

Ao que parece, a história das mulheres na China é um tema no qual a Literatura – desde sempre – e o Jornalismo, recentemente, têm dado a voz que a História negou. Assim, esse trabalho utiliza a produção literária de Pearl Buck, para abordar a questão das mulheres no país mais superpopuloso do planeta, a fim de trazer à baila o exemplo de como as práticas culturais, numa perspectiva histórica de longa duração (BRAUDEL, 1992) contribuíram para a questão das “mulheres faltantes” na contemporaneidade chinesa (ATTANÉ, 2011).

Eric J. Hobsbawm, historiador anglo-egípcio, em palestra proferida na ocasião do lançamento do seu livro *Era dos extremos*, no Brasil, nos idos de 1995, afirmou que a “arma derradeira” do historiador do tempo presente seria o decurso dos anos, pelo qual restaria concluído um ciclo, um percurso, e já estariam consolidados os desdobramentos, ou melhor, as consequências dos eventos históricos investigados por ele. Portanto, conforme Hobsbawm (1995), todas as inquietações de um historiador que se volta para uma investigação do passado – partindo necessariamente do presente – são, por isso, pertencentes ao campo da História do Tempo Presente.

Para compreender a China é preciso olhar para sua história e cultura milenares mantidas unidas – o que não significa homogêneas – graças ao consenso em torno das ideias do antigo filósofo Confúcio. O filósofo foi anterior a Sócrates e a Jesus Cristo, vivendo no período feudal chinês, conhecido como o período dos Reinos Combatentes, no qual, vários Estados autônomos guerreavam entre si na disputa pelo controle do território que, após a unificação sob a dinastia Chin, será conhecida pelo nome China. Socrático em relação às suas lições, durante a vida peregrinou dando seus ensinamentos a quem se interessasse em aprendê-los e, ao mesmo tempo, buscando algum posto de destaque em algum reino, a fim de colocar em prática suas ideias.

---

<sup>30</sup> *O massacre de Nanking: a violência de gênero contra a mulher durante a ocupação japonesa na China (1937-1938)*, dissertação de Mestrado de Altino Silveira Silva, datada de 2011.

Morreu humilde sem alcançar esse objetivo. Após a sua morte, seus discípulos reuniram e compilaram seus ensinamentos que podem ser encontrados em livros, hoje tidos como clássicos na China. Como observa Henry Kissinger (2011),

Quase todos os impérios foram criados pela força, mas nenhum consegue se sustentar por meio dela. Domínio universal, para durar, precisa traduzir força em dever. De outro modo, as energias dos soberanos serão exauridas na manutenção de seu domínio em detrimento de sua capacidade para moldar o futuro, que é a suprema tarefa da arte de governar. Os impérios persistem se a repressão dá lugar ao consenso. (KISSINGER, 2011, p. 30)

Para Kissinger, esse papel vital de amalgamar a cultura chinesa coube a Confúcio.<sup>31</sup> Que através de seus ensinamentos lançará as bases de uma ética que servirá ao Estado chinês com idas e vindas aos seus pensamentos nos dois mil e quinhentos anos seguintes à compilação de suas obras.

Confúcio é o filósofo que lançou as bases da sociedade imperial chinesa a partir de uma doutrina – o confucionismo – que orienta o seio familiar e que se projetará na sociedade e Estado através de uma mentalidade que cria uma unidade cultural “homogênea”, para além de todas as etnias, guerras, crises e períodos de catástrofes pelo qual a história chinesa nos conta, sobretudo durante o período imperial, em desfavor do gênero feminino. Para Brisset (2011),

No confucionismo – que continua profundamente impregnado na cultura, apesar da modernização precipitada desse país-continente –, são os homens, os meninos, sobretudo o filho mais velho, que asseguram o culto dos ancestrais. Também na China, como na Índia, a jovem, uma vez casada, deixa sua família para unir-se àquela de seu marido, o que leva a crer que sua educação foi um esforço perdido. A prática de um filho único, imposta a partir de 1978 num país em que a preferência por meninos é tão sólida, tão antiga e tão aceita, decuplicou os esforços de eliminação das meninas. (BRISSET, 2011, p. 29)

Como nos lembra Otto Zierer (1976, p. 21) o confucionismo “[...] não é de fato uma religião.” Ele continua. “Trata-se antes de uma doutrina ética e social que marcará profundamente o povo e o Estado chineses.” Para Confúcio é central a harmonia social em um tecido necessariamente interligado, mas que é também hierarquizado. Assim, há pouca margem para o indivíduo no sentido ocidental da palavra. Aqui, esbarramos em instituições limítrofes da cultura chinesa: a família e o Estado. O que se aplica no núcleo familiar se estende por consequência à ordem social.

---

<sup>31</sup> Conforme a sinóloga Anne Cheng (2008), o nome Confúcio é a latinização realizada pelos missionários jesuítas no século XVI. A obra atribuída a ele intitulada *Os analectos* foi “[...] compilada a partir das anotações de discípulos e de discípulos de discípulos, são referidas em discurso direto as palavras do Mestre.” (CHENG, 2008, p. 65).

Neste sentido, um conceito central merece ser sublinhado:  *piedade filial*. Isto é: o dever do mais jovem em relação ao mais velho; do filho ao pai, principalmente. É em razão da piedade filial que as famílias buscaram – buscam e buscarão – perpetuar suas árvores genealógicas. E isto só pode ser realizado pelos homens. Aqui, observa-se que não há espaço para a mulher.

Figura 5 – Confúcio (551-479 a.C.)



Fonte: CONFÚCIO. *Os analectos*. São Paulo: Unesp, 2012. p. XV

Em consonância com os ensinamentos do mestre, todo o centro de atenção da perpetuação da linhagem familiar e da ordem social, é desde sempre através da figura masculina. Assim, os ensinamentos confucionistas apresentam uma forte relação com a falta de igualdade entre as mulheres e homens na China. Observa-se que essa ênfase ao culto dos ancestrais pelas famílias chinesas que, somente pode ser realizado por homens, foi um grande incentivo para uma mentalidade e práticas culturais que deságuam na opressão das mulheres por diversas formas. Por essa razão, entre outras, caso uma menina não seja abortada, há outras formas de que o óbito venha ocorrer: má alimentação, buscar ajuda médica apenas em estágios mais avançados das doenças ou o próprio abandono (ATTANÉ, 2011).

Tabela 2 – Taxa de mortalidade infantil na Ásia por sexo

	Classificação IDH 1998	Mortalidade Infantil (0-4 anos) (em %)		Diferença (H/M, em %)
		Meninos	Meninas	
China	99/174	43	55	+ 28
Índia	128/174	109	117	+ 7
Paquistão	135/174	123	129	+ 5
Bangladesh	146/174	96	99	+ 3
Tunísia	101/174	33	28	- 15
Egito	119/174	59	51	- 13
Mauritânia	147/174	180	165	- 8

Fonte: Attané (2011).

Poceski (2013) demonstrou de maneira muito elucidativa que o confucionismo foi uma fonte de normas para a sociedade imperial chinesa, e que, assim, definiu os padrões de comportamento para homens e mulheres. Em relação as primeiras, o confucionismo impôs formas de vida que, sob muitos aspectos, podem ser tidos como duros. As mulheres devem prestar obediência aos homens de suas vidas: pais, maridos e filhos. Devem ainda, por exemplo, preservar a castidade quando tornarem-se viúvas, ainda que isso ocorresse na juventude. Por outro lado,

[...] sem negar o impacto das normas e ideais confucianos, devemos manter em mente, como já sugerimos, que havia outras forças sociais e culturais que configuravam as atitudes comuns em relação ao gênero. Havia também discrepâncias entre a moral rígida e os costumes que pareciam opressivos, propostos por confucianos famosos por um lado, e as efetivas práticas sociais e modos comuns de conduta, por outro. Os neoconfucianos famosos, como Cheng Yi e Zhu Xi, muitas vezes são censurados por suas declarações duras, que podem ofender as sensibilidades modernas; no entanto as fontes históricas também nos mostram que em alguns casos eles tratavam bem as mulheres. Além disso, mostravam flexibilidade moral quando confrontados com os dilemas individuais das mulheres. Ainda assim, não há como evitar o fato de que os ensinamentos e costumes confucianos eram os fatores principais por trás do *status* inferior das mulheres, durante grande parte da história chinesa, mesmo se justificarmos o sistema de equilíbrio de poderes embutidos nas doutrinas e normas confucianas vigentes, que regulavam o *status* e a interação entre os dois gêneros. (POCESKI, 2013, p. 267)

Assim, na atualidade, é comum na sociedade chinesa a referência à figura de um pequeno imperador ser relacionada ao filho único, pelo qual todo o esforço pessoal, educacional e financeiro é investido nos meninos que um dia chegarão à idade adulta com uma carga muito grande de expectativas em relação aos seus pais e avós. Ressalva-se novamente que a seguridade social na China é precária não assegurando a garantia de uma

velhice digna aos seus idosos. Ou seja, a pressão recai em torno dos filhos homens que, ao que tudo indica, além de proverem os pais na velhice, terão de fazê-lo em relação aos avós, de ambos os lados. Contudo, conforme Pinheiro-Machado (2013) já é perceptível mudanças na mentalidade chinesa, pois,

[...] nessa era de transformações profundas, os modelos de gênero estão mudando. Com as possibilidades de escolha nos relacionamentos e com a educação das mulheres, a sociedade vai cedendo em seu modelo centrado na figura do homem. O aumento da participação das mulheres na esfera pública e o seu acréscimo de poder encoraja as outras mulheres. O mundo empresarial continua marcado pela cultura masculina – em que empresários negociam entre banquetes e casas de massagem, sempre na presença de um cigarro de marca de luxo –, mas as mulheres passam a ocupar cargos importantes nas empresas e algumas delas atingem o topo de pessoas mais ricas da China e do mundo. (PINHEIRO-MACHADO, 2013, p. 182)

Discutir a violência de gênero a partir do Oriente, com foco na sociedade chinesa é um tema necessário seja pelas razões que podem explicar como a China chegou a esse estado de coisas em que a falta de mulheres naquela sociedade se conta na casa das dezenas de milhões; seja pelos dramas pessoais que, atualmente, são discutidos com muita propriedade pela escritora Xinran em suas obras. Seja ainda, para problematizar a necessidade e a importância do respeito aos Direitos Humanos contra a violência de gênero na atualidade. Que, é uma constante ao longo da história em todos os lugares e períodos. No caso chinês, dois fatores importantes explicam essa violência histórica e cultural para com elas: o confucionismo e a PFU de 1978.

### 1.3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLÓGICA

A história alcança o seu estatuto de ciência no século XIX, momento em que predomina o positivismo comtiano nas ciências sociais, que, enquanto metodologia de pesquisa, percebia apenas os documentos emanados de órgãos de governo – oficiais – como a expressão da “verdade histórica” que se advogava neutra por excelência. Em decorrência disso, a história se interessou pelos grandes estadistas e pelos grandes acontecimentos, dando pouco espaço a outras formas de interpretação do passado. Tal forma de se fazer história levou ao etnocentrismo da cultura europeia em relação aos demais povos, e justificou assim a escravidão e o colonialismo perpetrados pelas potências europeias.

Ao mesmo tempo, a partir dos escritos de Marx, também no século XIX, coexistiu a produção historiográfica marxista que focava nas relações econômicas e, portanto, materiais

das sociedades. Essa corrente de pensamento teve o mérito de dar voz às classes sociais através de uma análise estrutural, portanto, ampliou o foco de análise – muito embora tenha engolfado o indivíduo dentro de uma classe social, diluindo-o nela, massificando-o – ao sair dos generais, presidentes, imperadores e suas respectivas guerras, para as classes sociais.

Observa-se que tanto na historiografia positivista quanto na marxista – a historiografia tradicional – a cultura e as suas formas de representação passaram ao largo das análises da maioria dos historiadores.<sup>32</sup> Contudo, de acordo com Burke (2008), na Alemanha do século XIX, houve produções que também privilegiaram a cultura, da mesma forma, nos EUA e na França. Para Burke, a história cultural francesa, possui uma história que pode ser dividida em quatro fases: a “clássica”, a da “história social da arte”, a “história da cultura popular” e por fim, a da “nova história cultural”, corrente na qual este trabalho se filia.

Assim, a partir de Chartier, um dos expoentes da chamada quarta geração dos Annales (pós-1970), por meio das noções de práticas culturais e representação, o presente trabalho se volta as obras *A Boa Terra* (1981) e *Pavilhão de Mulheres* (2009), de Pearl Buck. Chartier (2002) tem sua pesquisa voltada à Europa Ocidental entre a época de Gutemberg e a Revolução Francesa. Dentro dessa delimitação, investiga uma história do livro e uma história das práticas de leitura, aproximando a história da antropologia, da sociologia, que tem como central o conceito de cultura. Ele busca na cultura a manifestação de “práticas culturais” que acabam por indicar a “representação” dela.

Em outras palavras: como essa cultura se manifesta pelos que a partilham através do que fazem no seu dia a dia? Como as práticas culturais expressam a carga valorativa dos signos inerentes a uma hipotética cultura investigada pelo historiador? Desta forma, a sua metodologia de pesquisa admite uma ampliação dos objetos de pesquisa que não são apenas os outrora admitidos pela historiografia tradicional abrangendo, portanto, outras possibilidades de fontes documentais tais como: pinturas, diários e literatura, por exemplo.

Assim, imaginemos uma escritora em um determinado recorte espaço-temporal. Digamos que na China em fins do século XIX. Ela está imersa ou embebida na cultura da sociedade na qual vive e, portanto, convive com as *práticas culturais* que fazem parte dessa cultura. Assim, consciente ou não, ao escrever seu texto, em prosa ou verso, essa escritora realiza uma *representação* das práticas culturais que são parte do cotidiano que está em seu entorno. Tais práticas estão, assim, representadas na obra literária dessa escritora, mesmo que

---

<sup>32</sup> No caso marxista em especial, no Brasil, hoje em dia é pertinente lembrar Burke (2008, p. 37): “Ser um historiador marxista da cultura é viver um paradoxo, se não uma contradição. Por que os marxistas deveriam se preocupar com o que Marx descartou, por considerar uma mera ‘superestrutura’?”

seja uma ficção. A partir disso, temos o texto escrito pela sua autora que é uma representação das práticas culturais com as quais conviveu.

No prefácio à edição de *A Boa Terra*, lançada em 1944, Buck (1944) assinala:

Este livro, *The Good Earth*, foi escrito quatorze anos atrás, na cidade de Nanking, na província de Kiangsu, na China. Estava escrito em meu escritório, um tranquilo quarto no sótão, cujas janelas baixas davam para os telhados da cidade, além da muralha da cidade, para a tumba de mármore de Sun Yat-sen, brilhando branca sobre os flancos roxos de uma montanha.

As pessoas sobre quem escrevi não moravam naquela rica província. Nanking era a cidade do sul para a qual eles vieram com fome. Sua casa ficava na província de Anhwei, no norte, onde eu já morava e os conhecia. Para aquela província, eles voltaram depois que a fome acabou. (BUCK, 1944, p. 5)<sup>33</sup>

É a partir dessa perspectiva que as obras da escritora serão aqui analisadas. Os dois livros são, conforme a teoria chartiniana, a *representação* das *práticas culturais* que Buck viu durante o período em que viveu na China, entre 1892 a 1927. Na sua autobiografia Buck (1960) reforça o que a teoria de Chartier sugere:

Era uma criança cheia de curiosidade, a amolar toda a gente com perguntas excessivamente íntimas e pessoais. Nesse ponto, porém, quero desculpar-me; o que me interessava não eram mexericos, senão somente histórias. Sentia-me enredada em qualquer história humana que se desenrolasse ao meu redor. Podia passar, e passava mesmo, horas a fio, escutando a quem quisesse falar comigo, e sempre havia pessoas com disposição ou necessidade de conversar. É escusado dizer que assimilava muita informação sem nenhuma utilidade, e todavia me parece que nada de tudo aquilo era realmente supérfluo. Interessei-me, por exemplo, profundamente pelos problemas agrários de nossos vizinhos, pelas dificuldades que eles experimentavam em obter colheitas de aproximadamente cinco acres de terra. Assim aprendia como isso era feito milagrosamente, pelo trabalho manual, plantando cada pé de arroz à mão no arrozal. E não eram mãos contratadas, senão as dos agricultores e suas esposas, dos seus filhos e filhas, das noras e das crianças. Eu observava o ciclo das estações. Tornava-me tão ansiosa quanto os camponeses quando faltava chuva. Angustiava-me a seu lado nas procissões em que rezavam. Sentia-me grata, quando às vezes a chuva começava a cair. **De todos esses conhecimentos tiraria proveito mais tarde, quando começasse a escrever.** (BUCK, 1960, p. 55 - grifo nosso)

As narrativas são construídas, portanto, a partir da ótica dessa escritora, de forma alguma constituindo uma verdade histórica, tendo em vista que se trata de obras ficcionais. Mesmo assim, é importante destacar, todas as obras consultadas neste trabalho, enquanto

<sup>33</sup> Tradução livre do autor. No original: “This book, *The Good Earth*, was written fourteen years ago, in the city of Nanking, in the province of Kiangsu, China. It was written in my study, a peaceful attic room, whose low windows looked over the city roofs, beyond the city wall, to Sun Yat-sen's marble tomb, gleaming white upon the purple flanks of a mountain. The people of whom I wrote did not live in that rich province. Nanking was the southern city to which they came in famine. Their home was in the northern province of Anhwei, where I once had lived and had known them. To that province they returned after the famine was over.”

material de apoio, vão ao encontro das representações das práticas culturais encontradas em ambas as obras da referida escritora.

E a *apropriação*? Esta é uma noção importante na teoria de Chartier e que convém abordar. De acordo com Chartier, após a construção do texto pelo escritor, ocorre a produção do livro, o suporte do texto, que foge à alçada do literato, pois é realizado por copistas, capistas e tradutores, sob a supervisão de um editor<sup>34</sup>. Como Chartier sugere, já evidenciando a resposta, o texto que um determinado leitor terá acesso não é o mesmo que saiu da “mão do escritor”. Assim, como ele será lido e interpretado? Como será a sua *apropriação*? Será a mesma idealizada pelo escritor? Como exemplo Chartier (2014) demonstra que os textos da literatura de cordel na França, a fim de serem acessíveis à população, tinham seus custos barateados com supressões ou alterações de parágrafos ou capítulos inteiros, diferindo em muito da obra original. O mesmo é válido para autores de peças de teatro. Chartier (2002) ilustra esse problema:

Para explicitar esta perspectiva, muitas vezes arriscada, escolhemos como suporte um velho texto espanhol, não muito posterior aos primeiros tempos da imprensa, porque delimita bem, à sua maneira e na sua linguagem, o lugar de um trabalho a realizar entre textos, objectos impressos e maneiras de ler.

No prólogo que escreve para a *Celestina* tal como é publicada em Saragoça em 1507, Fernando de Rojas interroga-se sobre as razões que podem explicar o porquê de a sua obra ter sido entendida, apreciada e utilizada de modos tão diversos desde a sua primeira publicação, em 1499, em Burgos. [...] É a partir desta interrogação de um autor antigo sobre um velho texto que gostaríamos de formular as propostas e as hipóteses essenciais que estão na base de um trabalho empenhado, sob diversas formas, na história das práticas de leitura, entendidas nas suas relações com os objectos impressos (que não são todos os livros, longe disso) e com os textos a que servem de suporte. (CHARTIER, 2002, p. 121-122)

Apenas para demonstrar os caminhos sinuosos e seus meandros desde a mão do escritor passando pela mente do editor, até chegar ao leitor, convém exemplificar com um dos livros que serviu de base para este trabalho, a edição de *A Boa Terra* (1981) apresenta em sua capa um Buda verde de jade que não apresenta qualquer relação com a narrativa. O editor colocou na capa uma divindade cuja origem é indiana, e que de fato foi sinizada e tem adeptos, dentro da China, mesmo nos dias atuais. Trata-se sim de uma divindade que pode remeter ao Oriente. Contudo, insiste-se que, em nenhum momento, durante toda a narrativa é feita qualquer referência a essa divindade. Em alguns momentos ao longo do texto Wang Lung manifesta adoração a duas divindades de barro que estão em um modesto altar próximo

---

<sup>34</sup> No caso específico das pesquisas de Chartier, na era moderna, portanto. Porém, há exceção da automatização de todo o processo, em grande parte, as etapas de fabricação dos livros hoje em dia ainda guardam muitas semelhanças com o que é descrito pelo historiador.

a sua terra. Há momentos em que as homenageia, acendendo-lhes incensos como quando retorna da grande Casa de Hwang já seguido por sua esposa, O-lan, recém-comprada; ou, quando nascem os seus filhos. Mas, nenhuma nem outra divindade são o Buda da capa do livro.

Essas proposições tornam Chartier e sua contribuição teórica através da História do livro e das práticas de leitura o referencial teórico e metodológico para esta pesquisa. Aqui, entretanto, a apropriação das obras *A Boa Terra* (1981) e *Pavilhão de Mulheres* (2009), de Pearl Buck, ocorrerão a partir dessas edições, segundo a *interpretação* deste pesquisador que escreve, pois, na acepção de Bakhtin (2017):

No campo da cultura a distância é a alavanca mais poderosa da interpretação. A cultura do outro só se revela com plenitude e profundidade [...] aos olhos de outra cultura. Um sentido só revela as suas profundezas encontrando e contatando o outro, o sentido do outro: entre eles começa uma espécie de *diálogo* que supera o fechamento e a unilateralidade desses sentidos, dessas culturas. Colocamos para a cultura do outro novas questões que ela mesma não se colocava; nela procuramos resposta a essas questões, e a cultura do outro nos responde, revelando-nos seus novos aspectos, novas profundezas do sentido. Sem levantar *nossas* questões não podemos compreender nada do outro, do alheio, ou de modo criativo [...]. Nesse encontro dialógico de duas culturas, elas não se fundem nem se confundem; cada uma mantém a sua unidade e a sua integridade *aberta*, mas elas se enriquecem mutuamente. (BAKHTIN, 2017, p. 19)

As discussões acerca do diálogo entre História e Literatura iniciam pela natureza dessas áreas, por suas epistemologias, isto é, seus métodos, seus objetivos e seus limites, o que coloca ambas em campos diferentes, mas não distantes e nem opostos. A primeira é ciência? A segunda é arte? E a discussão acaba por desaguar no estatuto de cientificidade – ou não – da História. Pois, à medida que o debate avança, observa-se que a História e a Literatura, primeiro através da narrativa, e, em segundo, por meio dos recursos que os literatos usam em sua prosa, igualmente utilizados por historiadores, têm mais em comum do que se poderia supor. E, em terceiro, como já exposto, no campo do ensino, elas apresentam uma interligação ainda mais estreita.

A partir da Nova História, aceitam-se que as manifestações culturais presentes em obras de arte, aqui compreendidas como qualquer manifestação do ser humano, como obras literárias, por exemplo, podem representar o “espírito de uma época” e indicar influências sobre o artista, e, portanto, referências ao imaginário de uma sociedade: os seus valores, sua religiosidade, suas crenças, seus hábitos e costumes exteriorizados em formas de práticas culturais. Há, porém, alguns cuidados que devem ser observados pelos historiadores. De acordo com Burke (2008):

A tentação a que o historiador cultural não deve sucumbir é a de tratar os textos [...] de um certo período como espelhos, reflexos não problemáticos de seu tempo. [...] De qualquer forma, não seria correto supor que, digamos, os romances [...] sejam sempre desinteressados, livres de paixão ou propaganda. [...] os historiadores culturais têm de praticar crítica às fontes, perguntar por que um dado texto [...] veio a existir, e se, por exemplo, seu propósito era convencer o público a realizar alguma ação. (BURKE, 2008, p. 32-33)

Do mesmo modo, Chartier (2014) sublinha um olhar, uma análise crítica do historiador em relação às suas fontes de pesquisa.

A história precisa respeitar as exigências da memória, que são necessárias para curar infinitas feridas, mas, ao mesmo tempo ela deve reafirmar a especificidade do regime de conhecimento que comanda. Ela pressupõe o exercício da análise crítica, a confrontação entre as razões dos seus atores e as restrições das quais eles não estão cômicos e a produção de um conhecimento que permita operações controladas por uma comunidade científica. É ressaltando sua diferença em relação a discursos poderosos, ficcionais ou com base na memória, que também tornam presente o que não mais está, que a História encontra-se em posição de assumir sua responsabilidade, que é tornar inteligíveis as heranças acumuladas e as descontinuidades fundamentais que fizeram de nós o que somos. (CHARTIER, 2014, p. 26-27)

O texto literário nem sempre foi visto com bons olhos pela História. Hoje, por meio da História Cultural, há a possibilidade de novas pesquisas, considerando o texto literário como fonte de estudo através da percepção de que a Cultura pode ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa entre os polos das práticas e das representações (BARROS, 2010). Ainda citando Chartier (2002),

O texto, literário ou documental, não pode nunca anular-se como texto, ou seja, como um sistema construído consoante categorias, esquemas de percepção e de apreciação, regras de funcionamento, que remetem para as suas próprias condições de produção. A relação do texto com o real (que pode talvez definir-se como aquilo que o próprio texto apresenta como real, construindo-o como um referente situado no seu exterior) constrói-se segundo modelos discursivos e delimitações intelectuais próprios de cada situação de escrita. O que leva, antes de mais, a não tratar as ficções como simples documentos, reflexos realistas de uma realidade histórica, mas a atender à sua especificidade enquanto texto situado relativamente a outros textos e cujas regras de organização, como a elaboração formal, têm em vista produzir mais do que mera descrição. O que leva, em seguida, a considerar que os “materiais-documentos” obedecem também a processos de construção onde se investem conceitos e obsessões dos seus produtores e onde se estabelecem as regras de escrita próprias do gênero de que emana o texto. São essas categorias de pensamento e esses princípios de escrita que é necessário actualizar antes de qualquer leitura “positiva” do documento. O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita. (CHARTIER, 2002, p. 63)

Faz-se necessário observar, porém, que, na interação entre a História e a Literatura, há uma grande questão epistemológica a ser observada, de acordo com Burke (2011):

Pois os historiadores não são livres para inventar seus personagens, ou mesmo as palavras e os pensamentos de seus personagens, além de ser improvável que sejam capazes de condensar os problemas de uma época na narrativa sobre uma família, como frequentemente fizeram os romancistas. (BURKE, 2011, p. 349)

Eis dois exemplos: Charles Dickens (1812-1870) foi um escritor que viveu no século XIX na Inglaterra vitoriana. Entre as obras que publicou, escreveu *Oliver Twist*, lançado em 1837, romance centrado na história de um menino que representa a precária situação das crianças inglesas no contexto da Revolução Industrial. Trata-se de uma obra de ficção, fruto, portanto, da ficção criada por Dickens. Mas, pode-se dizer que não serve para problematizar ou até mesmo ensinar História? Sabendo-se que Dickens viveu uma infância pobre, poderia essa condição de alguma forma ser representada na sua narrativa? Poderia um professor utilizar *Oliver Twist* para discutir a Revolução Industrial, em especial, do ponto de vista das crianças?

Nessa esteira, citando outro exemplo, temos outro clássico literário: *Germinal*, lançado em 1885, do escritor francês Émile Zola (1840-1902), em que são representadas as condições de trabalho precárias nas minas na França, ao mesmo tempo em que se desnuda a ascensão das ideias anarquistas entre os trabalhadores. Em ambos os casos, o recurso utilizado para o ensino de História parte da Literatura. Novamente, conforme Bakhtin (2017),

[...] a literatura é parte inalienável da integridade da cultura, ela não pode ser estudada fora do contexto integral da cultura. Não pode ser separada do restante da cultura e correlacionada imediatamente (passando por cima da cultura) com fatores socioeconômicos e outros. Esses fatores agem sobre a cultura em sua integridade, e só através dela, e com ela sobre a literatura. O processo literário é parte inalienável do processo cultural. (BAKHTIN, 2017, p. 32)

Barros (2010), por seu turno, sublinha a importância da interligação através da narratividade entre Literatura e História, mas, sem esquecer a singularidade da última. Isto é, os seus limites em relação à primeira. Faz-se necessário a compreensão da importância da pesquisa histórica a partir da literatura e, ainda mais do ensino de história também a partir da literatura. Afinal, além das ricas possibilidades de interligar um passado histórico que deixou de ser e não é mais, muito embora aquilo que já não é mais se eternizou registrado numa obra literária, as representações possibilitam a apreensão daquela cultura de outrora pelo leitor. Além disso a literatura tem ainda uma grandiosíssima contribuição enquanto formadora de

uma humanidade, por assim dizer em seus leitores. Santos e Zinani (2002) explicam isso da seguinte forma:

Embora a literatura aborde um fato específico, revela as modalidades de sentir e pensar do ser humano, inserido numa tradição que o faz instituir relações com outros seres humanos e outras situações, estabelecendo uma identificação e possibilitando a organização da tão almejada unidade, através da união dos elementos fragmentários que constituem o mundo moderno.

A literatura favorece o autoconhecimento na medida em que proporciona situações de reflexão, ou seja, oportunidades para que o leitor se volte para si mesmo, examinando sua consciência à luz de novos dados, propiciando-lhe, assim, elementos para um maior entendimento de si mesmo e do mundo que o cerca. Na medida em que o ser humano se volta para a literatura, aprende a dar sentido a si mesmo e ao mundo, pois o texto literário consegue deflagrar uma série de significações que remetem à constituição de uma série de sentidos. Visto nessa perspectiva, o diálogo ente leitor e texto se constitui num processo de aproximação entre uma estrutura estético-formal, o texto, e o universo humano, estrutura fundamental da existência. (SANTOS; ZINANI, 2002, p. 106)

A Literatura é, portanto, Arte. Algo que na sua essência mais primordial nos humaniza. E, portanto, às vésperas de encerrar o primeiro quarto do século XXI, nos é necessária, assim como o são, pela mesma razão, as outras formas de Arte. Mais uma vez, o que pode ajudar nesse sentido de perceber o mundo, o diferente, o outro, a alteridade e, portanto, nós mesmos – e, assim a respeitar o que não é parecido conosco, ou com nós – é a Arte. Nela, novamente compreendida também a Literatura. Assim, e, portanto, a Literatura é o oceano onde deságua tudo o que já foi escrito pela humanidade. E, torna-se dessa forma um campo de conhecimento vastíssimo e, ao mesmo tempo, de uma riqueza indimensionável acerca da natureza humana. Contar algo está sempre presente pelas linhas dos livros que guardam – e guardarão – aventuras, dramas, ideias, testemunhos sobre quaisquer assuntos que possamos imaginar ou sequer façamos ideia que existam, entre tantos outros universos literários que possa haver abarcados dentro da Literatura.

## 2. CONSTRUÇÃO NARRATIVA

Em primeiro lugar se faz necessário explicar a razão da escolha das obras *A Boa Terra* e *Pavilhão de Mulheres* para este trabalho. *A Boa Terra* é o principal livro da vasta obra de Pearl Buck. Ele se impõe como o ápice da carreira da escritora. Livro que lhe rendeu importantes prêmios literários e chegou a ganhar um filme produzido pela Metro-Goldwyn-Mayer no ano de 1937.

*Pavilhão de Mulheres* por seu turno, como o título sugere, tem ao longo de sua narrativa a forte presença das questões focalizadas nesse trabalho – representação das práticas culturais que apontam formas de opressão em relação ao gênero feminino – expressos, sobretudo, em relação à personagem Madame Wu. Além disso, ao contrário de *A Boa Terra*, o livro conta com um filme relativamente recente (2001) de mesmo nome que pode ser encontrado na internet pelo professor que apresentar interesse em abordar a obra.

Conforme Lajolo (2018, p. 58-59) o “[...] mundo representado na literatura – por mais simbólico que seja – nasce da experiência que o escritor tem de sua realidade histórica e social. [...] a criação literária nasce de uma imaginação ancorada na realidade.” Temos assim, a ênfase no gênero feminino, desnudado em práticas culturais representadas pela autora que, residiu na China por várias décadas, e, que a influenciaram na escrita das obras as quais agora se passa a análise.

Há nos meandros de *A Boa Terra* e *Pavilhão de Mulheres* diversos trechos que assinalam a condição feminina no recorte espaço-temporal compreendido entre a derrocada do regime imperial chinês até o início da Segunda Grande Guerra na Ásia. Hiato histórico em que a China continua a atravessar crises ininterruptas já há mais de cem anos, e, que perdurarão com poucas mudanças em relação às práticas culturais referentes às mulheres. Haverá no período pós-1949 avanços na lei com proibições como enfaixar os pés ou o concubinato que, contudo, com a instauração da PFU pelo PCC, agudizou a situação de opressão referente às mulheres chinesas.

Em *A Boa Terra*, o centro da narrativa é a terra da qual se pode tirar o sustento e assim viver, desde que se tenha acesso a ela. Pois, apesar das secas inclementes e dos grandes períodos de fome que assolam a todos, ela estará lá, à espera da chuva que a fertilizará outra vez, para poder produzir novamente, e, a partir de então, possibilitar uma vida pujante àqueles que trabalham sobre ela. O protagonista é o lavrador Wang Lung, um obstinado trabalhador do campo que, ao longo da narrativa, vai ascender socialmente graças, sobretudo, a ajuda de sua mulher O-lan.

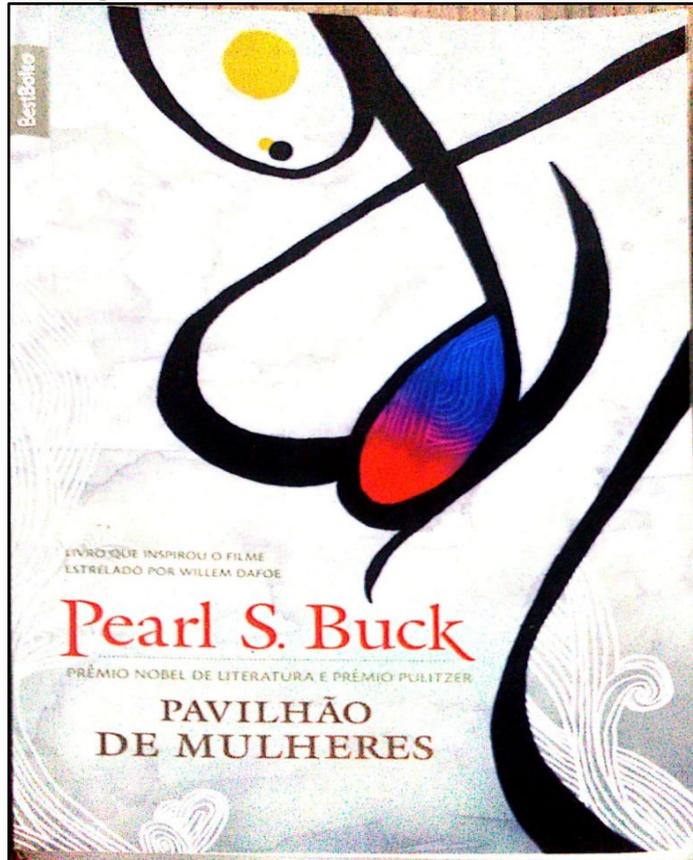
Figura 6 – O romance *A Boa Terra*

Fonte: acervo pessoal (2019).

O-lan que fora escrava até os vinte anos de idade, em um período de seca e fome, foi vendida por seus pais aos dez. Nesse ínterim, trabalhou na grande casa de Hwang até ser comprada pelo humilde Wang Lung. Juntos os dois irão formar uma família, ao lado do pai de Lung, os três filhos e uma filha, e, adiante O-lan será preterida por uma concubina, Flor de Lótus, que será incorporada à casa do patriarca, então já rico.

Em *Pavilhão de Mulheres*, a personagem principal é Ailien. Ou, como será referida ao longo de toda a narrativa, Madame Wu, que é a esposa do Sr. Wu, patriarca decorativo da grande de casa de Wu, pois, como fica claro ao longo do texto, ela é quem dá a última palavra seja na administração da casa ou nos negócios da família. Ao atingir os quarenta anos de idade, Madame Wu decide buscar uma concubina para seu esposo e residir em outro quarto da casa, embora permaneça com a mesma autoridade que exercera desde sempre.

Figura 7 – O romance *Pavilhão de Mulheres*



Fonte: acervo pessoal (2019)

Os Wu são ricos proprietários de terra que moram distantes da costa chinesa e, estão portanto, alheios aos acontecimentos do mundo exterior, sobretudo, do início da 2ª Guerra Mundial, ou também, dos novos costumes ocidentais que igualmente se fazem presentes em cidades litorâneas como Xangai, expressos na voz de uma das noras de Madame Wu, Rulan, que estudou em escola ocidental, domina o inglês e chegou a militar pelas ruas contra os hábitos imperiais como o concubinato, por exemplo. Ou, ainda, teve contato com água encanada e energia elétrica o que não há na casa dos Wu, iluminada a luz de velas e onde as banheiras para banho são enchidas por serviçais com baldes de madeira carregados nos ombros por uma barra de bambu cruzada nas costas.

Ambas as narrativas apresentam breves vislumbres de situações simultâneas que ocorrem paralelamente ao drama das protagonistas que nos permitem situar historicamente o período temporal das tramas, sugerindo dentro dessa mesma espacialidade os eventos ocorridos pós-1911. Não há precisão histórica, pois, não há ênfase nisso por parte de Buck, mas nos textos se encontram, por exemplo, referência às guerras, promovidas então pelos Senhores da Guerra.

Em *A Boa Terra*, Wang Lung, ao se dar conta do risco de ser “recrutado” por um Senhor da Guerra, já no sul da China, passa a se esconder durante o dia, a fim de não ser pego pelas tropas. Outro indicativo que denota o período posterior à queda dos Qing aparece rapidamente na mesma narrativa já tendo a adoção do rabicho caindo em desuso (BUCK, 1981, p. 151), bem como a efervescência de movimentos nacionalistas que tinham como alvos os estrangeiros, em especial missionários cristãos. Wang Lung se vê em uma das ocasiões diante de um panfleto entregue por um destes missionários com a imagem de Jesus Cristo, que ele não conhecia e não sabia o que teria feito que justificasse o castigo tão atroz infligido a ele na cruz. Em outro momento, a panfletagem é contra os estrangeiros. Essa situação terá um desfecho dramático em *Pavilhão de Mulheres* quando o irmão André, outro protagonista da trama, será morto vítima destas explosões de ódio contra ocidentais.<sup>35</sup>

Nas duas obras, há uma série de representações presentes em trechos que fazem referência à posição da mulher na sociedade chinesa, seja rica ou pobre, e, assim, as suas funções e a forma como são tratadas dentro do leque das práticas culturais. Ao traçarmos um paralelo comparativo entre O-lan e Madame Wu, algumas diferenças saltam aos olhos. Dentre as várias características que se sobressaem na personagem O-lan, por exemplo, talvez a principal seja o seu silêncio em quase todas as situações de sua vida. Ela encarna a mulher confuciana por excelência – sem voz, submissa, quase uma escrava seja no cuidar da casa quanto no trabalho no campo e, ainda uma reprodutora destinada a conceber filhos ao seu marido.

Enquanto Madame Wu, sob alguns aspectos, já não se enquadra nessa característica, pois, ainda que tenha recebido uma educação confuciana e, assim, tenha sido educada para servir ao seu futuro marido, dentro da tradição dos casamentos arranjados pelos pais da China imperial, ela está à frente de seu tempo. É senhora de si. Esclarecida. Opta e decide influenciando a todos dentro da casa, fato evidenciado ao longo da narrativa.

A análise que se seguirá dar-se-á destacando trechos de ambas as obras que, dessa forma, ampliam as possibilidades de abordagem de uma mesma questão e, podem assim ser analisadas lado a lado, sempre fazendo referência aos textos de origem e aprofundando questões quando houver a necessidade de fazê-lo para sua melhor compreensão. Por óbvio, o presente estudo não esgota o assunto e nem deseja ser um ponto final ao mesmo.

---

<sup>35</sup> Acerca dos missionários na China e a xenofobia praticada pelos chineses, sugere-se a leitura dos capítulos “A presença dos missionários” e, “Chineses de além-mar” localizado entre as páginas 211 a 221, na obra *Em busca da China Moderna: quatro séculos de história* de Jonathan D. Spence (1995).

## 2.1. *A BOA TERRA E PAVILHÃO DE MULHERES*: AS MULHERES E A QUESTÃO DE GÊNERO

Iniciamos com três trechos representativos, cada um à sua maneira acerca do papel que compete à mulher na sociedade confuciana a) enquanto mulher ex-escrava comprada para ser esposa de um lavrador; b) enquanto esposa, afinal; e c) enquanto mulher diante do marido em público, na rua.

Assim, a narrativa se inicia com a apreensão de Wang Lung em buscar a escrava que, negociada por seu pai, fora comprada para se tornar sua mulher. Como encontramos em Buck (1981), observa-se a lógica utilizada pelo pai para a escolha da mulher que será sua nora

- Que faremos nós com uma mulher bonita? Devemos ter uma mulher que tanto cuide de uma casa e crie crianças como trabalhe no campo. Uma mulher bonita fará essas coisas? Estará sempre pensando em vestidos que combinem com sua cara! Não, nada de mulheres bonitas em nossa casa. Somos lavradores. Além disso, quem já ouviu dizer que uma escrava bonita fosse virgem em casa de opulentos? Os filhotes ricos já estariam fartos dela. É melhor ser o primeiro com uma mulher feia que o centésimo com uma bonita. Pensas que uma mulher bonita gostaria mais de tuas mãos de lavrador que das mãos macias de um filho de rico, e acharia essa tua cara tisonada de sol tão bela quanto a pele dourada dos outros que já a tiveram para prazer seu? (BUCK, 1981, p. 26-27)

Tal forma de raciocínio seguirá, na voz da matriarca da família Hwang,

- Essa mulher veio para nossa casa quando era uma criança de dez anos e aqui viveu até agora, que tem vinte anos de idade. Comprei-a num ano de carestia, quando seus pais vieram para o sul, porque nada tinham que comer. Eram de Shantung, no norte, e para lá voltaram, não tendo eu mais sabido notícias deles. Você vê que ela tem o corpo forte e as faces largas da sua raça. Trabalhará bem para você, no campo, carregará água e tudo o mais que você desejar. Ela não é bonita, mas disso você não precisa. Só os homens ociosos precisam de mulheres bonitas para diverti-los. Nem é inteligente também. Mas faz bem o que lhe mandam e tem bom gênio. Pelo que me consta, é donzela. Não tem beleza bastante para tentar meus filhos e netos, mesmo que não vivesse na cozinha. Se houve alguma coisa, deve ter sido com algum criado. Mas, com tantas e tão belas escravas andando livremente pelos pátios, duvido que alguém tenha pensado nela. Tome-a e faça bom uso dela. É uma boa escrava, embora um tanto lerda e estúpida. (BUCK, 1981, p. 36-37)

Não cabe a uma mulher pobre outra serventia que não seja obedecer às ordens que lhes são dadas pelos homens. Ou melhor há, como será demonstrado adiante,

Agora pai e filho poderiam descansar. Uma mulher viria para a casa. Wang Lung não teria mais de se levantar cedo, quer no verão, quer no inverno, para acender o fogo. Poderia ficar na cama e esperar também que lhe levassem uma tigela de água, e, se a terra desses frutos, haveria folhas de chá na água. (BUCK, 1981, p. 21)

Após a “compra” de O-lan, apesar da alegria quase incontida no peito de Wang Lung ocorreu que “Voltaram para casa, indo ela doze passos atrás dele, como é devido a uma mulher.” (BUCK, 1981, p. 49-50). Observa-se que a mulher não possui voz. Não tem opinião e, portanto, não é consultada. Não escolhe sequer seu destino. Está à mercê do homem, sempre. Explica-se, conforme Goucher e Walton (2011):

O Estado e a sociedade foram modelados sobre a família. O imperador deveria tratar seus súditos como um pai trata seus filhos, e vice-versa. A virtude da piedade filial caracteriza idealmente essa relação: o pai tem a autoridade absoluta dentro da família e a obediência absoluta era exigida do filho. Além da relação entre imperador e súdito, a relação pai-filho, entre o irmão mais velho e o mais novo e entre marido e esposa, estavam entre as cinco relações humanas fundamentais (a quinta era entre amigos). Certos aspectos dessas relações, como descritas por Confúcio, são aparentes: o domínio da idade sobre a juventude e do homem sobre a mulher. Idade e gênero determinaram a hierarquia dentro da família. As mulheres, não importando a idade que tivessem, não podiam escapar da autoridade do homem. Como filhas, elas eram dependentes e subordinadas aos seus pais; como esposas, a seus maridos; como viúvas, a seus filhos. (GOUCHER; WALTON, 2011, p. 146)

Novamente estamos diante do confucionismo que, nos permite compreender valores tão caros a família chinesa. Adiante na narrativa, no momento em que conheceu sua futura esposa, O-lan, Wang Lung observa outro aspecto indicativo de uma prática cultural ainda em voga no período imperial que na narrativa já se findou.

Ao ouvir-lhe a voz, pela primeira vez, Wang Lung olhou-a pelas costas, pois ela se achava na sua frente. Era uma voz bastante agradável, nem aguda, nem grave, mas pura e de bom timbre. O cabelo da mulher era limpo e brilhante e seu vestido asseado. **Viu, com momentâneo desapontamento, que não tinha os pés atrofiados.** (BUCK, 1981, p. 36 - grifo nosso)

Aqui se veem resquícios de uma prática que já estava em vias de ser abolida, a prática dos pés de lótus, cuja origem não é consensual, pois, há várias versões. Abaixo, uma versão acerca do tema:

[...] Patrícia Ebrey, *The Inner Quarters* (1993), voltado para a China da Dinastia Tang (960-1279). Nesse período, ela identifica “um deslocamento geral dos ideais de masculinidade”, afastando-se do guerreiro e aproximando-se do sábio. A caça foi substituída pela coleção de antiguidades como atividade na moda para homens de alto status. Pierre Bourdieu, [...] teria apreciado a possibilidade de que esse desejo dos chineses de se distinguirem de seus vizinhos aguerridos, como os turcos e os mongóis.

Mais ou menos na mesma época, os ideais de feminilidade também mudaram. As mulheres eram cada vez mais apreciadas como belas, passivas, delicadas e frágeis, como as flores com as quais os poetas as comparavam. O mesmo período assistiu à ascensão da prática de enrolar os pés das meninas com panos, para que ficassem diminutos. Patrícia Ebrey sugere que todas essas mudanças estavam ligadas. Mais especificamente, “como o ideal masculino de classe superior, nos tempos de Sung,

era uma figura relativamente moderada e requintada, o homem pareceria efeminado, a não ser que as mulheres se tornassem ainda mais delicadas, reticentes e paralisadas” (BURKE, 2008, p. 109)

De todo modo o quê consistia em, ainda na infância, amarrar os pés das meninas com panos a fim de que eles fossem quebrados e diminuídos de modo a atingir um tamanho muito reduzido. Como se vê, segundo se acreditava, tal prática tornaria a futura mulher atraente aos olhos dos homens, ampliando assim suas chances de conseguir um bom casamento. Em geral, tais mulheres pertenciam aos estratos mais abastados da sociedade chinesa, pois, como era de se esperar, não conseguiam ficar muito tempo de pé, e, portanto, não estariam aptas a trabalhar na rizicultura, o que lhes obrigava a passar a maior parte do tempo sentadas, em geral, costurando. Em *Pavilhão de Mulheres*, acerca desta questão temos o trecho que segue,

Os pés de Madame Wu eram um pouco mais estreitos do que seriam por natureza. Isso porque, havia muito tempo, quando era uma criança de Hung Chang ela contemplava os retratos do pai no estrangeiro, e ouvia sua aia falar sobre a sabedoria e bondade dele. A mãe também falava do pai com frequência, mas sempre para corrigir algum capricho dela:

“O que lhe diria seu pai agora?”

Certo dia, quando a mãe a chamara e ela notara as tiras compridas de pano branco, começara a chorar. Vira o mesmo acontecer com a irmã mais velha, a mesma irmã que outrora corria e brincava alegremente e agora passava o dia inteiro sentada em silêncio, com um bordado nas mãos, sem querer sequer se levantar sobre os pés doloridos. A mãe lançara um olhar severo para a segunda filha.

“O que seu pai diria se voltasse para casa e descobrisse que os pés da filha estão esparramados como os de uma mulher de camponês?”

Os soluços da menina haviam definhado para uma lamúria, e ela deixara que os pés fossem enfaixados.

Madame Wu ainda podia se recordar daquele mês de agonia. De repente, chegara a carta informando que o pai estava voltando para casa. Ela suportaria mais meio mês, por causa dele. Quando ele chegara em casa, ela se forçara a andar em sua direção, nos pés enfaixados. E que alegria poderia ser maior do que a experimentada a seguir? Antes mesmo que ela tivesse tempo de ver seu rosto ou chamar seu nome, o pai soltara um grito furioso e a levantara nos braços.

- Tirem essas faixas dos pés da criança! – ordenara ele.

Houvera então confusão e clamor. Madame Wu nunca conseguiu lembrar uma só palavra da batalha entre os pais, mas jamais esqueceu a tempestade. A mãe gritara e a avó gritara, com a maior fúria; até mesmo o avô gritara. Mas o pai se sentara com ela no colo e tirara as faixas com as próprias mãos libertando seus pés. Madame Wu podia recordar a dor e a alegria dos pés libertos. O pai pegara um pé e depois outro, esfregando gentilmente, a fim de que o sangue circulasse outra vez pelas veias comprimidas, causando primeiro agonia e depois uma alegria intensa.

- Nunca... nunca... – murmurara ele.

Ela o abraçara, soluçando:

- Ah, se você não tivesse voltado para casa!

O pai chegara a tempo de salvá-la. Poderia correr novamente, dentro de poucos meses. Mas já era tarde demais para os pés de sua irmã. Os ossos estavam atrofiados. (BUCK, 2009, p. 142-143)

O-lan era proveniente de uma família pobre. Madame Wu, de uma família abastada e, fora educada para ser a futura esposa de um herdeiro dos Wu, família rica e de grande

prestígio. Porém, durante a trama de *Pavilhão*, resta claro que, costumes ocidentais atingiram, por exemplo, o pai de Ailien e Rulan, que, fatalmente serão um contraponto às arraigadas práticas culturais descritas na trama em relação às mulheres. Nesse sentido, a própria visão de mundo supersticiosa, na rica mitologia chinesa, em *A Boa Terra*, ficam evidentes em Wang Lung e O-lan, quando, por exemplo, escondem um dos filhos debaixo da roupa contra o próprio peito e disfarçam bradando aos ventos se tratar de uma menina para que os espíritos não façam mal ao menino:

Um leve sorriso espalhou-se pelo seu rosto e Wang Lung riu alto, apertando ternamente o menino contra o peito. Como tudo lhe corra bem! Uma rajada de medo assaltou-lhe a exultação. Que loucura estava ele fazendo, caminhando daquele jeito, ao ar livre, com um lindo menino, para que qualquer espírito maligno passasse por acaso pelo ar e o visse! Abriu a túnica apressadamente e escondeu a cabeça do menino em seu peito, dizendo em voz alta:

- Que pena seja nosso filho uma *menina*, que a ninguém pode interessar, e além de tudo coberta de bexigas! Peçamos ao Céu que ela morra! (BUCK, 1981, p. 69-70)

Ou, em *Pavilhão de Mulheres*, quando o missionário cristão irmão André coloca em xeque, pouco a pouco, a cosmovisão de Madame Wu, anunciam a chegada de novos tempos na fechada e antiga China imperial. Abaixo se reproduz um trecho de Buck (2009) em que Rulan, nora de Madame Wu, tem um embate de ideias com a matriarca da família Wu.

- Mãe, sabia que hoje é contra a lei um homem tomar uma concubina?

- Que lei?

- A nova lei... a lei do Partido Revolucionário!

- As novas leis, assim como a nova Constituição, existem apenas no papel.

Ela percebera que Rulan ficara aturdida ao ouvi-la dizer a palavra Constituição. Rulan certamente não esperava que Madame Wu tivesse conhecimento da Constituição.

- Muitas pessoas se empenharam a fundo para abolir o concubinato – declarou a moça. – Marchamos pelas ruas de Xangai, no auge do calor de verão, o suor escorrendo por nossos corpos. Levávamos cartazes em que se lia “Abaixo as concubinas”. Agora, quando alguém da minha própria família, a mãe de meu marido, faz algo tão antiquado... tão iníquo... pois é uma iniquidade, mãe voltar aos costumes antigos e cruéis...

Madame Wu interrompeu-a, indagando em sua voz mais suave objetiva:

- Minha criança, o que você faria se Tsemo algum dia quisesse outra esposa, alguém com menos energia e espírito do que você, alguém dócil e submissa?

- Eu me divorciaria dele imediatamente – respondeu Rulan, em tom orgulhoso. – Não vou partilhá-lo com qualquer outra mulher.

Madame Wu levantou seu pequeno cachimbo e tirou mais duas baforadas. (BUCK, 2009, p. 72)

A mulher não tem outra finalidade que não seja parir um menino. Pois, a menina, futura mulher, deverá se casar e, logo, todo o tempo, esforço e dinheiro investido em uma filha se esvaem a partir do momento em que ela se casa e passa a devotar respeito ao seu

marido. Na família chinesa confuciana que coexistia aos destinos da China após o fim do regime imperial, a mulher está presa pela tradição à hierarquia da idade e do gênero masculino, sempre. Sua função é a reprodução para a perpetuação do nome da família no tempo e, portanto, da preservação da memória dos ancestrais por meio do culto aos mortos. Numa perspectiva social, a situação das mulheres pobres é ainda pior. Contudo, em ambos os romances, salta aos olhos do leitor o elevado número de filhos que tanto O-lan, quanto Madame Wu pariram. Neste sentido, ainda chamam a atenção a elevada mortalidade infantil expresso nas duas narrativas. De toda maneira, por fim, nas duas obras, transparece claramente a preferência por filhos, por bebês meninos, pois o nascimento de uma menina é má sorte. A título de exemplo vamos a alguns trechos de *A Boa Terra*, de Buck (2009):

- Não te perturbes ainda... demorará muito. Lembro-me de que, quando nasceu meu primeiro filho, já era dia antes que houvesse tudo acabado. Ai de mim! Pensar que de todos os filhos que engendrei e tua mãe concebeu... um após o outro... tantos, que nem lembro mais, somente tu ficaste vivo! Compreendes por que deve uma mulher conceber e conceber? (BUCK, 1981, p. 55)

Acerca dos meninos e a sorte,

Depois que Wang Lung lavou na água fria o corpo queimado do sol, enxaguou a boca com chá e ceou, foi ver seu segundo filho. O-lan havia-se deitado depois de cozinhar. O menino estava ao seu lado. Era gordo, manso, sadio, mas não tão grande quanto o primeiro. Wang Lung contemplou-o e depois voltou para a sala, bem satisfeito. Outro filho, e outro e mais outro, a cada ano. Mas não se podiam comprar todos os anos ovos vermelhos. Bastava tê-lo feito com o primeiro filho. Filhos todos os anos. A casa estava habitada pela boa sorte... Aquela mulher só lhe trouxera felicidade. (BUCK, 1981, p. 77)

Agora, ao contrário, o nascimento de uma menina e a má sorte,

- Já passou tudo outra vez. Mas agora foi uma escrava... não vale a pena mencioná-la.  
Wang Lung imobilizou-se. Uma sensação de mau agouro o golpeou. Uma menina! Uma mulher estava causando todas aquelas perturbações na casa de seu tio. Agora uma menina lhe nascera também em sua casa. (BUCK, 1981, p. 85)

Nesse caso, a menina nascida seria considerada hoje “especial”. Wang Lung e O-lan considerariam seriamente vendê-la a fim de que não morressem de fome em um dos trechos, da trama. No fim, porém, Wang Lung não fará isso.

Agora, ao contrário, o nascimento de uma outra menina e a má sorte diante da situação de extrema miséria e pobreza imposta por um período de seca prolongada, após o parto, induzem O-lan à prática do infanticídio da menina.<sup>36</sup>

Wang Lung escutava atentamente, mas cheio de desespero à espera do débil e fino grito que já conhecia tão bem. [...]

- Seria um bem se não vivesse... – murmurou ele. Em seguida, ouviu o choro fraco... tão fraquinho! soar por instantes no silêncio. – Não há compaixão alguma nestes tempos – terminou ele, amargamente. Sentou-se à escuta.

Não ouviu mais o choro e o silêncio pesou, impenetrável em toda a casa. Certo era que durante muitos dias o silêncio reinava em toda parte, o silêncio da inatividade e o silêncio de todos quantos em suas casas aguardavam a hora da morte. Sua casa estava cheia daquele silêncio. De repente, Wang Lung não pôde mais suportá-lo. Tinha medo. Levantou-se e foi à porta do quarto, onde se achava O-lan chamando por ele. O som da sua própria voz o encorajou um pouco.

- Vai tudo bem? – perguntou à mulher. Ficou à escuta. Teria morrido, enquanto ele estivera ali sentado? Mas ouviu leves ruídos. Ela se movia lá dentro e afinal respondeu, num suspiro:

- Entra!

Ele entrou, então. Ela jazia sobre a cama, mal se lhe vendo o corpo sob a coberta. Estava só.

- Onde está a criança? – perguntou ele.

Ela fez um gesto de mão sobre a cama e ele percebeu então o corpo da criança no chão.

- Morto! – exclamou.

- Morto! – ciciou ela.

Wang Lung inclinou-se e examinou o minguado corpinho... um punhado de ossos e pele. Era menina. Estava para dizer: “Mas eu a ouvi chorar... estava viva...”, mas olhou para o rosto da mulher. Seus olhos estavam fechados, sua carne tinha uma cor cinérea e os ossos sobressaíam sob a pele. Ali jazia aquele pobre ser silencioso, que acabava de sofrer as maiores dores. Não teve de coragem de falar. Ele, afinal, durante aqueles meses, tivera apenas o próprio corpo a carregar. Que agonias de inanição não teria, porém, suportado aquela mulher, com aquela criatura faminta a consumir-lhe as entranhas, na ânsia desesperada de viver!

Wang Lung não disse nada, mas levou o cadaverzinho para o outro quarto e deitou-o no chão. Procurou depois, até encontrar, um de esteira rota, na qual o enrolou. A cabecinha redonda oscilava para um e outro lado e Wang Lung descobriu duas esquimoses negras em torno do pescoço, mas acabou o que tinha de fazer.

[...]

- Foi melhor assim – murmurou. E pela primeira vez sentiu que um desespero total dele se apoderava. (BUCK, 1981, p. 104-105)

Nas obras, há muito a ser dito quanto às mulheres pobres especificamente. Enquanto Madame Wu tem até mesmo uma serviçal que amamenta seus filhos pequenos, a fim “de preservar os seus peitos” não amamentando seus filhos, essa serviçal mal pode ver o próprio filho que cresce vulnerável às doenças por não ter acesso ao leite da própria mãe. A escolha

<sup>36</sup> Sugere-se a leitura da obra: *Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida: histórias de perdas e amores* (2011), da já referida escritora Xinran. No capítulo 2, intitulado, “As mães de meninas tem o coração cheio de tristeza”, (págs. 52-65), a autora relata uma cena análoga de infanticídio em que a mãe de uma menina recém-nascida, junto a parteira, “resolvem”, um bebê do sexo feminino. Pode-se ponderar que práticas culturais representadas na obra de Buck no início dos anos 1930 atravessaram décadas e, como atesta Xinran, ainda eram praticadas na China.

dessa serviçal, aliás, se dará por ela possuir ótima saúde e, assim, poder se prestar a essa função. A seguir, um exemplo extraído de *Pavilhão de Mulheres* no qual vemos a situação descrita acima.

O corpo de Meng era propício para gerar filhos, os seios tinham muito leite. Mas ninguém, nem mesmo ela própria, pensara em permitir que o bebê sugasse seus seios pequenos e adoráveis, estragando-lhes a firmeza. Lien fora contratada para fornecer o leite necessário. Ela era a jovem esposa de um dos camponeses das terras da família Wu. Seu próprio filho fora alimentado com farinha de trigo, água e papa de arroz, pela avó, em vez de leite materno. Por esse motivo, era agora magro, pequeno e amarelado, enquanto o bebê amamentado por ela era gordo e rosado. Lien tinha permissão para ir em casa uma vez por mês. Quando via o filho, chorava e o levava aos seios imensos. Os mamilos intumescidos gotejavam leite, mas o menino desviava a cabeça. Nunca provara aquele leite e não sabia como mamar. Lien não podia ficar longe durante todo o seu dia de folga porque os seios começavam a doer. No meio da tarde, tinha de voltar apressadamente para a casa de Wu. O filho de leite a esperava, gritando de raiva e fome. No período em que Madame Wu tivera seus quatro filhos vivos e os três que haviam morrido, entre os quais apenas uma menina, Madame Kang tivera onze filhos, seis moças. Não havia na casa de Madame Kang a mesma paz que reinava naquele pátio. (BUCK, 2009, p. 29)

No trecho seguinte, encontramos uma das esposas de um dos filhos de Madame Wu, vamos ao seu raciocínio:

Não havia nada em Liangmo que não lhe agradasse. Seu corpo jovem e forte, a boa índole, as maneiras gentis, a bondade interminável, a paciência, o riso fácil, o jeito como seus lábios se encontravam, as faces lisas, os cabelos pretos e lustrosos, as mãos firmes e macias, as palmas secas e frescas – ela conhecia tudo e tudo lhe agradava. Não encontrava qualquer defeito nele. Estava perdida nele e contente por estar perdida. Não queria ficar entregue a si mesma. Pertencer a ele, deitar em seus braços à noite, servi-lo durante o dia, dobrar suas roupas, levar-lhe a comida pessoalmente, servir o chá e acender seu cachimbo, ocupar-se em curar sua menor dor de cabeça, testar o sabor de um prato ou a temperatura de um vinho para ele – essas eram suas alegrias e ocupações. **Mas, acima de tudo, havia de lhe dar filhos. Pois ter muitos filhos dele era seu único desejo. Ela era o instrumento dele para a imortalidade.** (BUCK, 2009, p. 75)

Ao passo que O-lan trabalha na roça praticamente até a hora do parto de todos os filhos de Wang Lung que aguarda o desfecho apreensivo e admirado por ela dispensar o trabalho de uma parteira. Sim, O-lan faz os partos sozinha. Além de, obviamente, realizar todos os serviços da casa. Convém observarmos, todavia que, independentemente da posição social, as mulheres possuem a função principal de gerar filhos. E, quando a mulher não puder mais gerar filhos ao homem, poderá este, ter concubinas, mulheres mais jovens que poderão realizar este intento.

Alguém poderia mudar o que o céu determinara? O céu, preocupado com a vida, dera a semente ao homem e a terra à mulher. Havia terra em abundância, mas de que adiantava a terra sem a semente? A verdade é que a semente de um homem persistia

mesmo depois que os ossos se esbranquiçavam e o sangue virava água. Isso acontecia porque o céu punha a geração de filhos acima de tudo o mais, a fim de que a humanidade não desaparecesse. A última semente nas entranhas de um homem devia ser plantada. E para que essa semente pudesse gerar bom fruto, à medida que o homem envelhecia, era preciso plantá-la em solo melhor e mais forte. Para qualquer mulher, portanto, apegar-se a um homem depois de passado o tempo de sua fertilidade era desafiar a determinação do céu. (BUCK, 2009, p. 55)

Assim, é, portanto, permitido, necessário e desejado que um homem tenha uma concubina. Tanto Madame Wu, quanto O-lan, são assim postas de lado por seus maridos em prol de uma. Madame Wu, porém, buscou uma “substituta” para ela na cama. Mas, tanto O-lan, quanto Madame Wu, geraram ao longo de sua vida fértil vários filhos aos seus maridos. E, como demonstra Franco (2007) O-lan encarna a legítima mulher confuciana. Não se queixa de absolutamente nada. Não tem voz na narrativa. São raros os momentos em que se manifesta. Wang Lung chega a ficar intrigado com seu silêncio. Ela, por seu lado, apenas executa as tarefas que lhes são esperadas – como, por exemplo, gestar uma criança em seu ventre e trabalhar na roça até momentos antes de dar a luz e, realizar o parto sozinha – ainda que o grau de exigência tanto físico quanto psicológico sejam impensáveis as mulheres contemporâneas. Faz todas as refeições da casa, costura e remenda as roupas de todos os que moram sob o mesmo teto, atende as crianças, cuida do sogro, orgulha o esposo diante das visitas em razão das guloseimas que sabe fazer – guloseimas que, aprendeu a fazer enquanto fora escrava que trabalhou na cozinha da casa grande dos Hwang. E, nos momentos decisivos, muda a sorte de Lung quando, por exemplo, com energia e rispidez ensina os filhos a mendigarem por não haver outra possibilidade destes permanecerem vivos; defende o lar de ladrões quando o próprio Lung hesitou. Mas, apesar de todo o papel importante desempenhado por O-lan, ela falece ao fim da narrativa, enquanto Lung encontra ainda outro relacionamento além da concubina Lótus, a jovem Flor de Pêssego.

Por seu turno, Madame Wu diante da morte do Irmão André, encerra a narrativa sozinha se dedicando a ajudar crianças, algo que é importante frisar, a própria autora da obra também fez.

Pearl Buck viveu cerca de quarenta anos na China, desde fins do século XIX em 1892 até a antessala da 2ª Guerra Mundial em 1934. Seus escritos tomados como representação das práticas culturais aqui destacadas nos fornecem um panorama amplo e, ainda que incorrendo em certo anacronismo, macabro, em relação à forma como eram consideradas e tratadas às mulheres.

Talvez ainda mais chocante é constatar que, em regiões provincianas da China, no que diz respeito as mulheres, muita coisa continua como era há cem anos atrás.

Quanto às representações das práticas culturais encontradas nos textos de Buck se inferi que não havia outra importância senão a de perpetuar uma linhagem familiar. Situação que, ao que parece, persiste na mentalidade da sociedade chinesa. Embora existam mudanças, por exemplo, na PFU que, varia conforme a região, dando a possibilidade de um casal ter mais do que um filho, entre outras questões, ou, ainda, com o progressivo avanço das mulheres em cargos de prestígio social – chefia das empresas, por exemplo – o que contribui para mudar a percepção e a forma como as mulheres são consideradas em solo chinês.

### 3. PRODUTO SOCIAL

As HQs tem apresentado uma crescente interação com a Literatura. Não é difícil encontrar coleções de HQs que abordem a literatura brasileira ou mundial e, dessa forma possibilitam um canal inicial para públicos que não estão habituados a uma leitura mais densa. Uma dessas coleções é a *Grandes Clássicos da Literatura em Quadrinhos* da Editora Del Prado. Por entre os vinte e seis volumes dela desfilam títulos como *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson, ou, os já referidos *Germinal* e *Oliver Twist*, de Zola e Dickens, respectivamente. Obras que no formato de quadrinhos podem iniciar um leitor em grandes viagens pela Literatura e que, mais tarde, poderá inclusive buscar a leitura da obra original. Por outro lado, e, não tão comum, é a inteiração entre HQs e História.<sup>37</sup>

Dessa forma, o objetivo específico do presente trabalho é a confecção de um material paradidático no formato HQs destinado aos professores da Educação Básica. Produto social que poderá contribuir no ensino de história aos professores que manifestarem interesse em abordar a história das mulheres a partir de uma perspectiva Oriental que, como se demonstrou ao longo deste trabalho, não é comum. Assim, da mesma forma que o presente texto, o produto social problematizará o caso das mulheres chinesas.

Partindo das representações constantes nas obras *A Boa Terra e Pavilhão de Mulheres*, de Pearl Buck se constata no crepúsculo do regime imperial chinês uma opressão de gênero em face das mulheres chinesas. Dessa maneira, o produto social busca responder às seguintes perguntas: a) Como essa opressão se manifestava? Através de quais práticas culturais entre fins do século XIX e início do XX?; b) Dentro da cultura chinesa, naquele momento histórico, quais eram as razões que as justificavam?; e, por fim, c) Há resquícios dessas práticas nos dias atuais?

Para elaborar uma HQs, faz-se necessário algumas ponderações acerca da natureza da Teoria dos Quadrinhos, que, encontra importantes concepções nas obras de Will Eisner e Scott McCloud, quadrinistas estadunidenses, que, definem o que seja essa forma de arte e apontam algumas características importantes para compreender como ocorre a interação entre o narrador gráfico e o seu leitor.

Inicialmente, é interessante observar que as HQs são um dos expoentes da chamada cultura de massas abrangida pela indústria cultural. O chamado poder brando da cultura perpassa essa forma de produção também. Valores da sociedade onde é produzida uma HQs podem assim ser transmitidos a outros públicos leitores de outros países. O caso mais

---

<sup>37</sup> Ver, por exemplo, COLIN, Flavio; RUAS, Tabajara. *A Guerra dos Farrapos*. Governo do Estado do Rio Grande do Sul: Editora L&PM, 1985.

emblemático é o caso dos super-heróis das duas maiores editoras de quadrinhos nos EUA hoje, Marvel e DC Comics, com os seus respectivos grupos de super-heróis, Vingadores e Liga da Justiça, por exemplo.

Também é interessante observar que, guardadas as características peculiares a cada uma das formas de narrativas, as HQs, junto à Literatura e à História guardam entre si um elo de ligação através da narratividade. Ou seja, uma estória pode ser contada de um quadrinho a outro sem a necessidade, inclusive, dos característicos balões que tanto contribuíram para dar identidade às HQs. Isto é, por si só, a disposição dos quadrinhos em sequência podem narrar uma estória. Podem, assim, realizar o papel de informar, de problematizar, de lançar uma breve reflexão acerca de um determinado tema. Ao que parece, essa facilidade ou ausência de densidade na leitura de uma HQs propicia um certo desdém para esse formato de narrativa. Para Eisner (2008) boa parte da depreciação no reconhecimento da importância dos quadrinhos na academia, que leva as HQs a serem considerados como uma forma de narrativa inferior deve-se, muitas vezes, aos próprios artistas gráficos. Ele pondera ainda que esse reconhecimento no mundo acadêmico é um desafio para seus artistas. Nas palavras de Eisner (2008)

Não é somente a estrutura intelectual na qual se baseia toda a arte. É mais do que qualquer outro elemento, é aquilo que faz o trabalho perdurar. Este é um grandioso desafio para um meio que sempre foi considerado coisa de criança. A tarefa é trazer à tona a reação do leitor através de imagens. No entanto, as histórias em quadrinhos são, ao mesmo tempo, uma forma de arte e de literatura e, em seu processo de amadurecimento, buscam o reconhecimento como um meio “legítimo”. (EISNER, 2008, p. 6)

Para Eisner (1999), as HQs são uma série de imagens dispostas em sequência. McCloud complementa ao afirmar que são “[...] justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador.” (McCLOUD, 2005, p. 9). Para que isso ocorra, contudo, Eisner (1999, 2005) observa que o narrador gráfico deve buscar a empatia do seu leitor. Isto é, buscar um contato emocional entre eles através da HQs, um intermediador cultural, por meio do arcabouço de experiências e vivências do leitor a que a obra se destina. Essa observação, aliás, é uma pertinente constatação da produção e consumo em massa dos quadrinhos que, estão cada vez mais segmentados e destinados a públicos específicos. (PATATI & BRAGA, 2006). Em nosso caso, professores da Educação Básica, a HQs deste trabalho terá como fio condutor o diálogo entre dois professores em uma biblioteca de uma hipotética escola discutindo a preparação de uma aula que tenha como tema a história

das mulheres na China. A rotina, o cenário, as discussões têm o papel de criar essa empatia proposta por Eisner.

Ao longo do diálogo entre as personagens é problematizada a questão: como abordar a história das mulheres no Oriente com escassos recursos para isso? E, assim, é apresentada Pearl Buck. A partir de então, se delinea um fio condutor que brevemente cita a História Cultural que acolhe a adoção de fontes literárias para a pesquisa e ensino de História; e, assim são abordadas as práticas culturais contra as mulheres chinesas discutidas no presente trabalho. Por fim, um balanço na contemporaneidade sobre as mulheres na China e também no Brasil, evocando a importância do respeito aos Direitos Humanos, que reza em seu artigo segundo que ninguém poderá ser discriminado por categorias de qualquer espécie, entre as quais a referente ao seu sexo.<sup>38</sup>

Trata-se de uma narrativa gráfica em preto e branco de onze páginas, incluída a capa. Como nos adverte Eisner (1999), o espaço gráfico dos quadrinhos e, o seu tempo, é curto. Ao narrador gráfico deverá, portanto, fazer uso de estereótipos sim, a fim de causar no leitor a mensagem da forma mais breve possível. Queremos dizer com isso, que a produção dessa HQs deve em princípio responder às questões iniciais apresentadas já referidas seja na introdução e nessa sessão reproduzidas novamente, tendo como fio condutor, as etapas apresentadas no parágrafo anterior, mas, dentro de um breve espaço de páginas.

Através delas, desfilamos as práticas culturais e as representações encontradas nas obras de Buck. Ressalta-se que cada uma das personagens sofre de forma diferente a carga valorativa dos signos presentes na cultura chinesa em relação às mulheres. E isso decorre da posição social que ocupam na sociedade chinesa. No caso específico de O-lan isso fica mais evidente na medida em que seu esposo, Wang Lung, enriquece substancialmente ao longo da narrativa. Questões como essa ou outras ainda, dada a grande quantidade de exemplos encontrados nas duas obras, não estarão contidas no produto social. Não há espaço para tanto.

O traço dos desenhos não buscará uma reprodução fiel e perfeita de vestimentas, por exemplo. Longe disso, como demonstra Mccloud (2005):

[...] quando abstraímos uma imagem através do cartum, não estamos só eliminando os detalhes, mas nos concentrando em detalhes específicos. Ao reduzir uma imagem a seu “significado” essencial, um artista pode ampliar esse significado de uma forma impossível pra arte realista. (MCCLOUD, 2005, p. 30)

---

<sup>38</sup> Sexo aqui é entendido como gênero, no caso, feminino. “A noção de gênero *des-oculta* uma gama de relações sociais escondida pela outrora noção universal, única, de *homem* e de *mulher* [...]” (COSTA, 2003, p. 197).

Ou seja, o desenho não precisa ser realista, ele consegue, por meio de sua simplificação e, conforme Eisner (1999), de um arcabouço de experiências e conhecimentos anteriores do leitor, emitir a mensagem que o artista está buscando passar através do desenho.

Da mesma forma, os esboços e arte de finalização irão ocorrer após um estudo de imagens acerca de vestimentas, por exemplo, que poderá ser fornecido pelo filme *Pavilhão de Mulheres*, de 2001. Os desenhos serão feitos com tinta nanquim em folhas A3 na proporção 2x1, a fim de “tentar” superar o desafio da impressão. Afinal,

Artistas consagrados [...] declaram que seus trabalhos ganharam muito mais consistência depois que aprenderam a ultrapassar a prova da impressão. Uma consequência desse aprendizado para as obras de quase todos os desenhistas é a produção de seus originais na proporção dois por um. Este cuidado torna menor a percepção de falhas, quando de sua impressão em páginas menores. (PATATI & BRAGA, 2006, p. 9)

Essa parte do trabalho se constitui em um desafio à parte. Trata-se de condensar em poucas páginas uma parte substantiva de informações importantes extraídas nos romances de Buck, analisadas no presente trabalho e então lançadas na HQs que buscará a empatia do seu leitor ou leitora, mas atentando também para questões artísticas propriamente ditas referentes ao texto e seus argumentos, letreiramento, cenário, anatomia, perspectiva, luz e sombra, arte-finalização; amarrados em imagens e texto, compondo um todo narrativo coerente e coeso, como aponta Eisner.

Observa-se por fim que o presente pesquisador não é um quadrinista profissional, mas, alguém que cultuou desde a infância o amor e o desejo e, claro, o sonho de se tornar um. E que, ao longo da vida ensaiou alguns traços, rabiscando alguns desenhos e até, criou seus próprios personagens. Ainda, se destaca mais uma vez que o produto social apresentado é uma proposta de HQs que, com consultoria, e, maior prazo para entrega, pode ser assim melhorada. As eventuais falhas que possa conter o produto social final – e, contém – são todas de sua inteira responsabilidade.

#### 4. CONCLUSÕES

*“Senti-me profundamente grata à vida. Não há maior recompensa do que um escritor saber que um livro, escrito na solidão e na dúvida, atingiu o coração de um semelhante com um significado ainda maior do que aquele que o próprio autor pensou transmitir ao escrevê-lo. É uma recompensa inesperada.”*

Pearl Buck (2007, p. 27)

Inicialmente, com o trecho acima se deseja lembrar da importância dos escritos de Pearl Buck. De fato, seus textos reverberaram muito mais no passado do que hoje. Contudo, para além da grande escritora que foi, como se evidenciou aqui, seus textos constituem um importante acervo de pesquisa enquanto repositório de representações culturais da civilização chinesa. Assim, nesta pesquisa não estávamos a confirmar suspeitas, pois o que buscamos foi abordar e problematizar práticas culturais presentes – ainda hoje praticados em alguns rincões esquecidos da China –, nas representações literárias encontradas nas duas obras selecionadas de Pearl Buck.

Dessa forma, o presente trabalho se deu a partir de estudos focados em uma pequena parte de sua produção literária uma vez que essa escritora viveu durante décadas na China. Sua prosa romanesca narra histórias que apontam para a forma como eram tratadas as mulheres, indicando também as justificativas para isso. Assim, em relação ao tema da história das mulheres, o presente trabalho apresentou um caráter de “ponta de lança”, de um olhar em outra direção que não fosse o do mundo ocidental.

Trata-se de um olhar que só há pouco ganhou a atenção de alguns jornalistas e escritores que, na esteira do desenvolvimento econômico chinês, ou da diáspora de chineses pelo mundo, passaram a publicar obras que denunciam a situação de seres humanos que, independente do seu gênero teriam, em tese, a proteção dos Direitos Humanos. Este trabalho se insere na perspectiva de provocar um debate a partir da perspectiva oriental na história das mulheres. E que, como foi demonstrado, é pertinente ao tratar de um país que mais cresce em importância no planeta hoje. E, do qual, somos leigos apesar disso.

Com relação a Pearl Buck, foi uma grande escritora. Também foi uma liderança que defendeu aqueles que não tinham voz ou não podiam ser ouvidos. Foi um sujeito histórico de seu tempo, posicionou-se. Além de suas obras, fica o exemplo de uma escritora mulher que

escreveu acerca de mulheres e pôde assim, problematizar questões que no século XXI ainda precisam ser sublinhadas.

No ano de 2019, às vésperas de completarmos o primeiro quarto do século XXI, no Brasil e no mundo formas obscurantistas de percebê-lo, superadas já no fim do século XX por evidências científicas de que as premissas mais básicas daquelas formas obscuras de enxergar o mundo simplesmente não se sustentam, hoje recrudescem a uma velocidade e força espantosas.

Nos textos analisados de Buck, espanta o número de filhos que uma mulher em idade fértil deveria ter em tempos mais recuados da China. E, a partir disso é possível compreender números como os apontados pelo ilustre historiador Sima Qian, durante a dinastia Han do Oeste, que fala em cerca de 53 milhões de habitantes na China em um momento que o Império Romano na sua extensão máxima contava com talvez 7 milhões de almas. Da mesma forma, em ambos os romances chama a atenção o alto nível de mortalidade infantil entre os nascituros e, pela mesma razão, a lógica de que mulheres deveriam ter o máximo de filhos – meninos –, possível a fim de assegurar que ao menos um menino preservasse a linhagem familiar, uma vez que mulheres jamais poderiam fazer isso. Quanto a elas, no caso de não poder mais conceber, era recomendável a adoção de uma concubina para essa função. Nesse sentido, por outro lado, as meninas eram vistas como um fardo. Sob a ótica confuciana de que somente os meninos podem perpetuar o nome de uma família, qual é a razão para, na China, alguém querer ter uma filha? Os resultados de tal mentalidade são perversos e perceptíveis até hoje, claramente. Acreditamos que na contemporaneidade, as obras que melhor ilustram isso são as da já referida escritora Xinran. Por isso, acreditamos que outras pesquisas poderiam fazer uma relação mais aprofundada com a demografia e o direito das mulheres chinesas, hoje. Há grandes possibilidades para serem exploradas. Há muito o que ser dito acerca dessas duas questões.

Em tempo, observa-se ainda que Buck contempla com folga os dois conselhos com os quais havíamos iniciado este trabalho no parágrafo inicial da introdução. Pois, assim como Hemingway, Buck viveu seus livros. Ela conhecia muito acerca do que escrevia. E fez mais: militou em prol das mulheres, dos Direitos Humanos de mulheres e crianças bem antes desse termo ser tão pronunciado, ainda que não seja respeitado na mesma proporção. Quebrou paradigmas ao ser a primeira mulher a ganhar um prêmio literário como um Nobel de Literatura nos EUA. Aproximou o Oriente do Ocidente, demonstrando a força do povo chinês que exalta com tanta convicção no prefácio da edição de 1944 de *The Good Earth*, talvez, em

razão de ser “também” norte-americana, escrevendo em fins da 2ª Guerra Mundial. No prefácio de *A Boa Terra* da edição de 1944, Buck (1944) afirma que

[...] a cidade do sul e a província do norte e todas as costas orientais da China são hoje mantidas pelo inimigo. A casa onde me sentei tão segura e quieta é ocupada pelos japoneses. Quem sabe o que os atos alienígenas que o sótão viu! A cidade de Nanking sofreu sob um dos ataques mais hediondos e cruéis dos inimigos. Milhares de pessoas foram roubadas, violadas e assassinadas. Um assessor de marionetes está sentado nas belas casas que o governo chinês construiu quando Nanquim se tornou a capital de uma nova China.

De uma coisa só eu tenho certeza - que o povo da Boa Terra vive, tão forte, resoluto, tão fiel como sempre à terra que ama. Quando o inimigo for expulso, eles estarão lá, seus filhos retornarão do exército, se não morrerem pelo seu país, e reconstruirão as fundações. Se esses anos de guerra foram de alguma utilidade para a humanidade, certamente seu bem mais duradouro foi provar a todo o mundo as qualidades esplêndidas e heróicas do povo chinês. (BUCK, 1944, p. 5)<sup>39</sup>

Diante do exposto, finalizamos destacando a importância do estudo da história das mulheres em uma perspectiva não tão privilegiada na academia pretendendo assim, contribuir para a melhoria dos processos de ensino-aprendizagem no âmbito da educação básica. Buscamos instrumentalizar professores que se interessarem abordar esta temática em sala de aula que, contribui ainda na perspectiva de uma Educação para os Direitos Humanos, e, assim, para a alteridade. A violência contra as mulheres, apesar da existência de leis que buscam coibi-las, está na ordem do dia por toda a parte. Essa constatação encontra amparo na realidade quando nos deparamos com os noticiários, até mesmo em relatos discretos e escondidos em nossos ambientes de trabalho, ou, na história de alguém que nos é conhecida, e que nos é próxima.

---

<sup>39</sup> Tradução livre do autor. No original: But southern city and northern province and all the eastern coastlands of China are today held by the enemy. The house where I sat so safe and quiet is occupied by Japanese. Who knows what alien acts that attic room has seen! The city of Nanking suffered under one of the most hideous and cruel of enemy attacks. Thousands of its people were robbed and raped and murdered. A puppet aides are seated in the beautiful houses which the Chinese government built when Nanking was made the capital of a new China. Of only one thing I am sure - that the people of The Good Earth live on, as strong, as resolute, as faithful as ever to the land they love. When the enemy is driven out they will be there, their sons will return from the army, if they have not died for their country, and they will build again the foundations. If these years of war have been of any use to mankind, surely their most lasting good has been to prove to all the world the splendid and heroic qualities of the plain Chinese people.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Adorno. *Indústria Cultural e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Tradução de Júlia Elisabeth Levy.
- ANG, Li. A rota das prostitutas chinesas. In: OCKRENT, Christine (Org.). *O livro negro da condição das mulheres*. Tradução de Nícia Bonatti. Rio de Janeiro: Difel, 2011. p. 536-555.
- APOLINÁRIO, Maria Raquel (Org.). Projeto Araribá: História. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2007.
- ARRIGHI, Giovanni. *Adam Smith em Pequim: origens e fundamentos do século XXI*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- ATTANÉ, Isabelle. As mulheres faltantes. In: OCKRENT, Christine (Org.). *O livro negro da condição das mulheres*. Tradução de Nícia Bonatti. Rio de Janeiro: Difel, 2011. p. 39-62.
- BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BARROS, José D'assunção. História e Literatura: Novas relações para os novos tempos. *Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades*, n. 6, p. 1-27, maio/out. 2010. Disponível em: [http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2\\_historia.pdf](http://www.revistacontemporaneos.com.br/n6/dossie2_historia.pdf). Acesso em: 1º jan. 2019.
- BOLSAS da China têm maior queda em mais de 3 anos após novas ameaças de Trump. *GI*, data. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/05/06/bolsas-da-china-tem-maior-queda-em-mais-de-3-anos-apos-novas-ameacas-de-trump.ghtml>. Acesso em: 6 maio 2019.
- BOULOS, Alfredo. *História, sociedade e cidadania*. 6. ed. São Paulo: FTD, 2014.
- BRASIL. *Panorama da violência contra as mulheres no Brasil*. Indicadores nacionais e estaduais. n. 1 (2016). Brasília: Senado Federal, Observatório da Mulher Contra a Violência, 2016. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/institucional/datasenado/omv/indicadores/relatorios/BR-2018.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2019.
- BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. 2. ed. São Paulo: Perspectivas, 1992.
- BRESLIN, Shaun. Entendendo a ascensão regional chinesa. In: SPEKTOR, Matias; NEDAL, Dani (Orgs.). *O que a China quer?* Rio de Janeiro: FGV, 2010. p. 33-62.
- BRIDI, Sônia. *Laowai: histórias de uma repórter brasileira na China*. 5. ed. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2008.
- BRISSET, Claire. *Desde a infância...* In: OCKRENT, Christine (Org.). *O livro negro da condição das mulheres*. Tradução de Nícia Bonatti. Rio de Janeiro: Difel, 2011. p.25-38

BUCK, Pearl Syndestrycker. *A Boa Terra*. Tradução de Oscar Mendes. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

BUCK, Pearl Syndestrycker. *A grande travessia*. Tradução de Vera Neves Pedroso. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.

BUCK, Pearl Syndestrycker. *Minha vida*. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo: Globo, 1960.

BUCK, Pearl Syndestrycker. *Os filhos de Wang Lung*. 2. ed. Tradução de Antônio Acauã. Porto Alegre: Globo, 1967.

BUCK, Pearl Syndestrycker. *Pavilhão de Mulheres*. Tradução de Alfredo Barcellos Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

BUCK, Pearl Syndestrycker. *The good Earth*. New York: The Modern Library, 1944.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BURKE, Peter. *O que é História cultural*. 2. ed. Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BURUMA, Ian. *A amante da China*. Tradução de Flavia Souto Maior. Rio de Janeiro: Record, 2011.

CALANDRO, Maria Lucrecia. A persistente crise da indústria calçadista gaúcha. *Carta de Conjuntura FEE*, n. 6, 2007. Disponível em: <http://carta.fee.tche.br/article/a-persistente-crise-da-industria-calcadista-gaucha/>. Acesso em: 12 mar. 2019.

CARVALHO, Yone de et al. *História do Mundo Ocidental: Ensino Médio*. São Paulo: FTD, 2005.

CERRI, Luís Fernando. Ensino de História e concepções historiográficas. *Espaço Plural*. Ano X, n. 20, p. 149-154, 1º semestre de 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/viewFile/2467/1865> Acesso em: 22 out. 2019.

CHANG, Jung. *Cisnes selvagens: três filhas da China*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHANG, Leslie T. *As garotas da fábrica: da aldeia à cidade, numa China em transformação*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Algés: Difel, 2002.

CHARTIER, Roger. *A mão do autor e a mente do editor*. Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Unesp, 2014.

- CHENG, Anne. *História do pensamento chinês*. Tradução de Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- CHUA, Amy. *Grito de guerra da mãe-tigre*. Tradução de Adalgisa Campos da Silva. Rio de Janeiro, Intrínseca, 2011.
- CONFÚCIO. *Os analectos*. Tradução, comentários e notas de Giorgio Sinedino. São Paulo: Unesp, 2012.
- CONN, Peter. *Pearl S. Buck: a cultural biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- COSTA, Suely Gomes. Gênero e história. In: ABREU, Marta; SOIHET, Rachel (orgs.). *Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- EISNER, Will. *Narrativas Gráficas: princípios e práticas da lenda dos Quadrinhos*. 2. ed. Tradução de Leandro Luigi Del Manto. São Paulo: Devir, 2008.
- EISNER, Will. *Quadrinhos e arte sequencial*. 3. ed. Tradução de Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- EPSTEIN, Jennifer Cody. *A artista de Xangai*. Tradução de Flávia Carneiro Anderson. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FERGUSON, Niall. *Civilização: ocidente x oriente*. 2. ed. Tradução de Janaina Marco Antonio. São Paulo: Planeta, 2016.
- FIORI, José Luís; MEDEIROS, Carlos de Aguiar; SERRANO, Franklin. *O Mito do Colapso do Poder Americano*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- FRANCO, Paulo Fernando Mascarenhas. *Pearl S. Buck: uma ponte entre os Estados Unidos e a China*. 2007. 167 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em Estudos Americanos, Universidade Aberta, Lisboa, 2007. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/534/1/LC289.pdf>. Acesso em: 1º jan. 2019.
- FUKUYAMA, Francis. *O Fim da História e o Último Homem*. Tradução de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- GELBER, Harry Gregor. *O dragão e os demônios estrangeiros: a China e o mundo, de 1100 a.C. aos dias atuais*. Tradução de Marisa Motta. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- GOUCHER, Candice; WALTON, Linda. *História mundial: jornadas do passado ao presente*. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Penso, 2011.
- HOBBSAWM, Eric. *O presente como história: escrever a história de seu próprio tempo*. Tradução de Heloísa Buarque de Almeida. Novos Estudos – CEBRAB Nº 43, novembro de 1995. pp. 103-112

- HOLDFELDT, Antonio; STRELOW, Aline do Amaral Garcia. Erico Verissimo, permanente jornalista militante (1905-1975). Comunicação apresentada ao GT Estudos de Jornalismo, durante a XXVII INTERCOM, na FAMECOS da PUCRS, em Porto Alegre, em setembro de 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-strelow-erico-verissimo.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2019.
- HUI, Wei. *Xangai baby*. Tradução de Bruce Humes e Domingos Demasi Filho. São Paulo: Globo, 2002.
- JARDIM, Lauro. Império instantâneo. *Revista Veja*, edição 1968, n. 31, p. 146-153, 9 ago. 2006.
- KINGE, James. *A China sacode o mundo: a ascensão de uma nação com fome*. Tradução de Helena Londres. São Paulo: Globo, 2007.
- KISSINGER, Henry. *Sobre a China*. Tradução de Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Unesp, 2018.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 17. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MAH, Adeline Yen. *Cinderela chinesa: a história secreta de uma filha renegada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- MASON, Colin. *Uma breve história da Ásia*. Tradução de Caesar Souza. Petrópolis: Vozes, 2017.
- MCCLLOUD, Scott. *Desvendando os Quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro*. Tradução de Helcio de Carvalho e Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: M. Books do Brasil, 2005.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da inconfidência*. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1965.
- MIAN, Mian. *Bombons chineses*. Tradução de Wander Emediato. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- MIN, Anchee. *Azaléia vermelha: vida e amor na China*. Tradução de Sonia Coutinho. São Paulo: Scipione, 1998.
- MITTER, Rana. *China moderna*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Porto Alegre: L&PM, 2011.
- NYE, Joseph S. *O futuro do poder*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Benvirá, 2012.
- OSNOS, Evan. *A era da ambição: em busca da riqueza, da verdade e da fé na nova China*. Tradução de Berilo Vargas e Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

PATATI, Carlos & BRAGA, Flávio. *Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma mídia popular*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. Tradução de Angela M. S. Côrrea. São Paulo: Contexto, 2017.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. 7. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *China, passado e presente: um guia para compreender a sociedade chinesa*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2013.

POCESKI, Mario. *Introdução às religiões chinesas*. Tradução de Márcia Epstein. São Paulo: Unesp, 2013.

POMAR, Wladimir. *A revolução chinesa*. São Paulo: Unesp, 2003.

SANTOS, Salette Rosa Pezzi dos; ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Ensino da literatura: o lugar do texto literário. In: ZINANI, Cecil Jeanine Albert (Org.). *Transformando o ensino de língua e literatura: análise da realidade e propostas metodológicas*. Caxias do Sul: EDUCS, 2002. p. 103-123.

SCOFIED JR., Gilberto. *Um brasileiro na China: o olhar de um jornalista estrangeiro sobre o país que mais cresce no mundo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 2011. p. 65-98.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. Tradução de Ana Carolina E. C. Soares. *Projeto História*, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SILVA, Altino Silveira. *O “Massacre de Nanking” e a violência de gênero contra as mulheres, China (1937-1938)*. 2011. 174 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado em História, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_4680\\_Altino\\_Silveira\\_Silva.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_4680_Altino_Silveira_Silva.pdf). Acesso em: 1º jan. 2019.

SOUZA, Maurício. *Turma da Mônica*, São Paulo, n. 69, set. 2012.

SPENCE, Jonathan D. *Em busca da China moderna: quatro séculos de história*. Tradução de Tomás Rosa Bueno e Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

TAN, Amy. *Vale do encantamento: a saga de três gerações de mulheres*. Tradução de Rosemarie Ziegélmaier. São Paulo: Planeta, 2014.

TREVISAN, Claudia. *Os chineses*. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

THE ECONOMIST. Disponível em: <https://www.economist.com/books-and-arts/2010/04/08/the-good-woman-of-china>. Acesso em: 4 nov. 2019.

VERISSIMO, Erico. *Um certo Henrique Bertaso: artigos diversos*. 10. ed. São Paulo: Globo, 1997.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *História do mundo contemporâneo: da Pax Britânica do Século XVIII ao Choque das Civilizações do século XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; PEREIRA, Analúcia Danilevicz. *História da África e dos africanos*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WANG, Lulu. *Teatro dos lírios*. Tradução de Frederica Kassies. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WINCHESTER, Simon. *O homem que amava a China: a fantástica história do excêntrico cientista que desvendou os mistérios do Império do Centro*. Tradução de Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

XINRAN. *As boas mulheres da China*. Tradução de Manoel Paulo Ferreira. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

XINRAN. *Compre-me o céu: a incrível verdade sobre as gerações de filhos únicos da China*. Tradução de Caroline Chang. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

XINRAN. *Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida: histórias de perdas e amores*. Tradução de Caroline Chang. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZIERER, Otto. *Pequena história das grandes nações: China*. Tradução de Elisa Perdigão Henriques. São Paulo: Círculo do Livro, 1976.

## ANEXOS

## ANEXO A – O drama das mulheres continua em rincões no interior da China

## O drama das mulheres de Mianmar vendidas na China e estupradas até engravidarem

Tamara Gil - @\_tamaragil  
Da BBC News Mundo

🕒 22 março 2019

[f](#)
[🗨️](#)
[🐦](#)
[✉️](#)
[🌐 Compartilhar](#)



Quando acordou, Nang Nu Tsawm já não estava mais em Mianmar. A adolescente de 14 anos havia desmaiado após uma semana trabalhando em uma fábrica de calçados em seu país, emprego que havia aceitado para pagar seus estudos. E, de repente, apareceu no vagão de um trem.

"Não sei quanto dias fiquei desmaiada nem o tempo em que estava no trem. Só via cartazes em chinês e não conseguia entender o que estava escrito. Comecei a chorar", conta ela.

Nang Nu Tsawm acredita ter sido drogada. Ela logo descobriu o motivo: foi levada à China e vendida por US\$ 12,7 mil (R\$ 49 mil) a uma família para se casar com um rapaz de 15 anos e ter filhos com ele.

Fonte: BBC News (2019).

A jovem acabou dando à luz uma menina e um menino, e passou cinco anos na China até a polícia, alertada por outro caso de tráfico de mulheres, chegar ao local onde ela morava e a prender por estar no país ilegalmente. Nang Nu Tsawm passou várias semanas sob a custódia de autoridades e, depois, foi deportada. Nunca voltou a ver os filhos.

Sua história é apenas um exemplo destes crimes praticados contra mulheres na fronteira entre a China e Mianmar, revelados pela organização de defesa de direitos humanos Human Rights Watch (HRW) nesta semana.

A rede de tráfico se aproveita da precariedade e da pobreza em que vivem as vítimas no norte de Mianmar e, no lado chinês, do desequilíbrio no número de homens e mulheres gerado pela política do filho único, encerrada apenas recentemente pelo governo da China, segundo a HRW.

O governo de Mianmar compartilhou informações com a organização sobre o tema e realizou diversas reuniões. O Executivo chinês, que já criticou em várias ocasiões o trabalho desta e de outras ONGs da área por considerá-las tendenciosas, não respondeu aos questionamentos feitos pela HRW.

## Mulheres são enganadas por parentes ou conhecidos

No relatório "Nos Dê Um Filho e Te Deixamos Ir", a organização descreve uma obscura rede de tráfico de mulheres e meninas para a China, a partir dos Estados de Kachin e Shan, no norte de Mianmar, que foram muito afetados pelo conflito armado entre o governo e guerrilhas de minorias étnicas.

Na China, as vítimas birmanesas são vendidas e submetidas a violência física e psicológica. São encarceradas e estupradas "até que fiquem grávidas". Aquelas que conseguem escapar precisam deixar seus filhos com as famílias chinesas.

Heather Barr, autora principal do relatório, passou três anos investigando o assunto. Ela diz que casamentos forçados ocorrem em muitos países do mundo. Isso a levou a pensar que estes casos seriam mais um exemplo, mas enganou-se.

"É algo muito mais sinistro. A família não busca realmente por uma noiva, mas por um bebê. Isso me impressionou muito", afirma Barr.

As histórias que ela e sua equipe destacam evidenciam uma situação de extrema vulnerabilidade das mulheres traficadas, que fogem da violência e se veem forçadas a viver em campos de refugiados.

Desde 2011, quando recomeçou o confronto entre forças do governo e guerrilhas, após 17 anos de cessar-fogo, a Organização das Nações Unidas (ONU) calcula que dezenas de milhares de pessoas tiveram de deixar seus lares.



A violência no norte de Mianmar levou dezenas de milhares de pessoas para campos de refugiados, segundo a ONU

Nesta situação, meninas e mulheres do norte de Mianmar aceitam falsas propostas de emprego na China. Muitas vezes, são enganadas por amigos ou conhecidos e abandonadas à própria sorte pelas autoridades dos dois países, denuncia a HRW.

A equipe que investigou o tráfico de pessoas na fronteira reconhece, no entanto, que há casos de sucesso no combate a estes crimes tanto por parte da polícia chinesa quanto da polícia birmanesa.

Fonte: BBC News (2019).

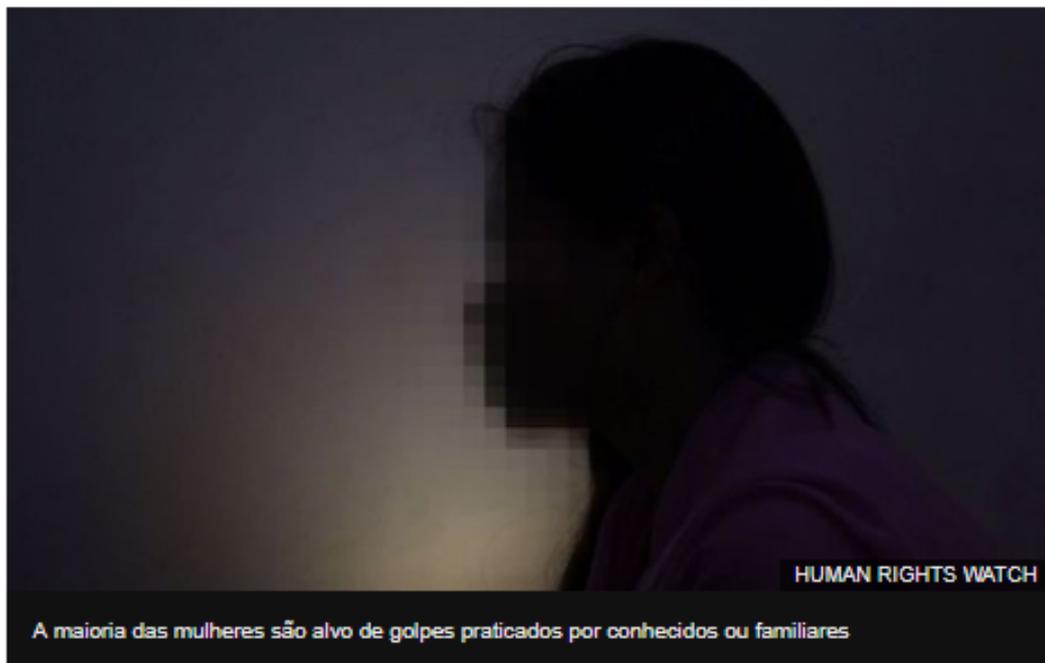
## Promessa de trabalho vira cárcere privado

Seng Moon fugiu do conflito armado em 2011. Sua família enfrentava dificuldades para sobreviver em campos de refugiados, e sua cunhada recomendou um trabalho na província chinesa de Yunnan.

Ao 16 anos, ela não queria ir, mas sua família pensou ser uma boa oportunidade, porque o salário prometido era muito maior do que conseguiria ganhar em Mianmar.

Na viagem de carro, sua cunhada lhe deu "algo para enjoar", e ela adormeceu. "Quando acordei, estava com as mãos atadas atrás das costas. Gritei e pedi ajuda", recorda-se a adolescente em um depoimento à HRW.

À esta altura, ela já estava na China, abandonada pela cunhada com uma família. Meses depois, sua parente voltou e fez um alerta enquanto a levava para outra casa: "Agora, você tem de se casar com um chinês".



"A família me levou para um quarto e me amarrou de novo. Fiquei presa ali por um ou dois meses. Um homem chinês entrava e, a cada vez que entrava, me estuprava. Quando me tiraram do quarto, o pai daquele homem me disse: 'Este é seu marido, vocês estão casados. Sejam bons um com o outro e construam uma família feliz.'"

A HRW entrevistou 37 mulheres que escaparam de situações assim. Doze delas tinham menos de 18 anos quando foram sequestradas. A mais velha tinha 46. Foram vendidas por US\$ 3 mil (R\$ 11,7 mil) a US\$ 13 mil (R\$ 50,5 mil), valores que acabaram nas mãos de traficantes de ambos os países. "Só quatro foram traficadas por alguém que não conheciam", destaca Barr, da HRW.

## Pobreza em campos de refugiados está na origem do problema

Como é possível que alguém venda uma pessoa de sua família? A pesquisadora diz que uma possível explicação é a difícil situação nos campos birmaneses de refugiados.

"Imagine que você vive em um destes campos, longe de casa, provavelmente desde 2011, quando o conflito começou. Então, você está há oito anos em um campo abarrotado, em más condições, sem encontrar trabalho em algum lugar próximo", diz Barr.

Ali, a ajuda é escassa: a cada um mês e meio, cada família recebe duas xícaras de arroz por pessoa por dia e US\$ 5 (R\$ 19,4) para as outras necessidades.

"Então, surge a chance de ganhar US\$ 10 mil (R\$ 38,9 mil) muito rapidamente ao vender um membro da família, e você sabe que provavelmente não será preso, porque a polícia não se interessa muito por estes casos. Claro que esperamos que ninguém seja capaz de fazer algo assim, mas, obviamente, algumas pessoas são", afirma a pesquisadora.

Ela diz que não foi possível obter na China muitas informações sobre as famílias que compram estas "noivas", mas as descreve como pessoas que vivem em zonas rurais e trabalham no campo ou na construção civil e não têm muito dinheiro ou não são "atraentes o suficiente para outras famílias ou mulheres chinesas mais exigentes na hora de escolher um marido".



Barr diz que o desequilíbrio populacional na China, onde o número de homens supera em muito o de mulheres, é fruto da política de filho único e a decorrente preferência dos casais por ter meninos.

Pequim sempre defendeu a medida, implementada entre 1979 e 2016, ajudou a evitar a superpopulação no país e a tirar da pobreza centenas de milhares de pessoas.

## Vítimas enfrentam estigma ao voltar para casa

O relatório informa que as autoridades de Mianmar registraram 226 casos de mulheres traficadas para a China em 2017 e destaca que entre 100 e 200 recebem assistência a cada ano em sua volta ao país. Em 2018, foram 130 casos de tráfico, 96 deles de mulheres, entre janeiro e julho. No entanto, a HRW avalia que o número de vítimas pode ser "muito maior" e estar crescendo.



Um estudo feito na Universidade Johns Hopkins, nos Estados Unidos, estimou que cerca de 7,5 mil mulheres e meninas dos Estados de Kachin e Shan foram alvo de casamentos forçados na China entre 2013 e 2017 - 5 mil foram obrigadas a ter filhos.

A pesquisa publicada no fim do ano passado foi uma das primeiras a lançar luz sobre esta situação e já alertava sobre a "necessidade urgente" de combater o problema e apoiar as vítimas.

Em Mianmar, elas não só carecem de ajuda institucional, mas também sofrem com estigma social, como explica uma das vítimas no relatório da HRW.

"[Ao voltar], meu marido me perguntou: 'Quanto dinheiro você tem?'. Disse para ele não me perguntar aquilo, mas sobre o que passei na China. Ele fez isso, e contei tudo. Comecei a chorar, e meu marido me falou: 'Não conte isso a ninguém, porque as pessoas te olharão com desprezo por ter sido traficada'. Até hoje, nunca falei para ninguém."

Fonte: BBC News (2019).

## APÊNDICES

APÊNDICE A – Representações culturais das mulheres na China (1892-1934): o ensino de História a partir dos romances A Boa Terra e Pavilhão das Mulheres, de Pearl Buck (HQ)

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
 PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

REPRESENTAÇÕES CULTURAIS DAS MULHERES  
 NA CHINA (1892-1934): O ENSINO DE HISTÓRIA  
 A PARTIR DOS ROMANCES A BOA TERRA  
 E PAVILHÃO DE MULHERES, DE PEARL BUCK

HISTÓRIA CULTURAL: UMA  
 PROPOSTA DE ENSINO

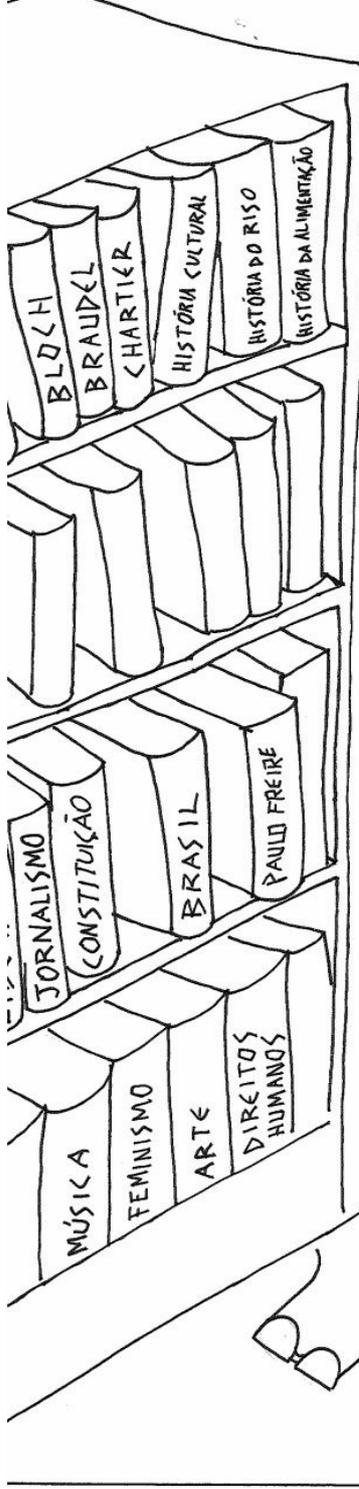
de: Ms. Márcio Rodrigues  
 Orientadora: Profa. Dra. Eliana Reia



Na historiografia contemporânea, novas abordagens de pesquisa deram visibilidade a novos temas. Estes, trouxeram a luz novas possibilidades de...



# HISTÓRIA CUIA PROPOSTA



Pearl Buck nasceu em 1892 e foi levada para a China com três meses de idade.

Viveu lá até 1934, quando retornou em definitivo.

Seus romances, ainda que narrativas, representam as práticas culturais que Buck viu enquanto viveu na China.

Você andou lendo Roger Owen?

Ora, História tem narrativas.



# TURAL: UMA DE ENSINO

para os EUA, sua terra natal.

ficcionais, traz  
s culturais que  
a China.

hartier ne...

claro! tanto a  
quanto a Literatura  
m comum a  
tiva...

...porque não uni-las  
no ensino de História?



Logo os professores adotaram uma fonte literária para o ensino de História.

Buck viveu várias décadas na China. Aprendeu a ler, escrever e a falar a língua chinesa.

Apreendeu a cultura daquela sociedade no crepúsculo do período imperial e, assim, traz na sua prosa referências de valores, signos, hábitos e costumes que estão representados em forma de práticas culturais.

A partir disso, os professores deram um foco: os estudos de gênero.

Textos e desenhos: Márcio Rodrigues

Gênero, enquanto instrumento útil de análise nos revela aspectos silenciados e invisíveis nas relações entre homens e mulheres na China Antiga.

A história das mulheres na China pode explicar...

... porque, nos estudos de população, há um "déficit" de milhões delas naquele país hoje!

Pois então professor...

... acredito que vamos conseguir levar a gurizada para lá...



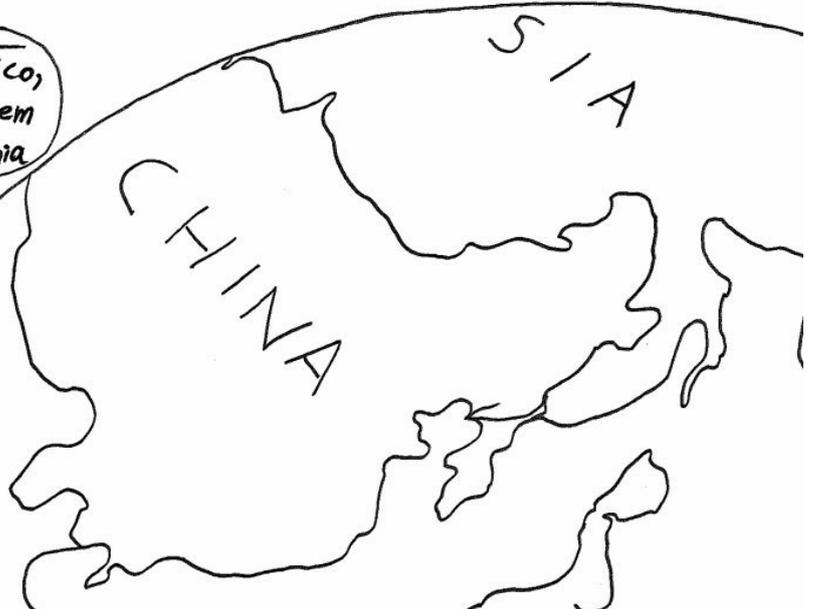
... para a China!

Que bom profe Valéria.

Afinal, curiosamente, sabemos tão pouco acerca do "dragão chinês," segunda maior economia do planeta.

Do ponto de vista geopolítico, alguns teóricos já falam em uma disputa pela hegemonia

global entre EUA e China no século XXI!



Voltando aos estudos de gênero e a história das mulheres na China antiga...

Os professores então enumeraram algumas questões para problematizar o tema: através de quais práticas culturais se manifestava a opressão das mulheres? Naquele momento histórico, o que as justificavam? E, por fim, há resquícios dessas práticas hoje?

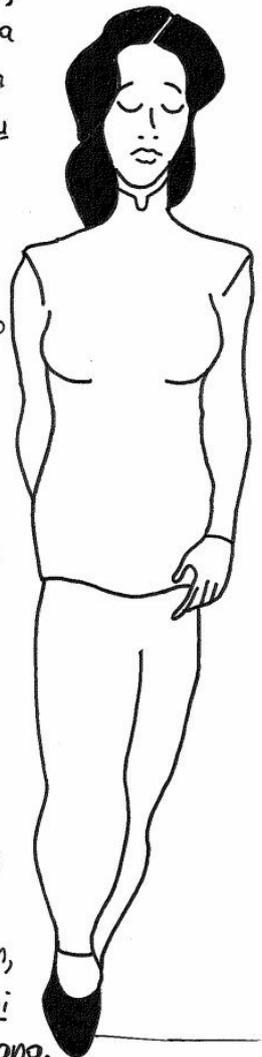


Logo no início da obra *A Boa Terra*, Wang Lung vai até uma suntuosa residência para comprar sua esposa.

No retorno para casa, na rua, ele caminha doze passos na frente dela que se mantém obediente e em silêncio durante todo o trajeto.

O nome dela é O-lan. O-lan foi vendida como escrava aos dez anos. Agora, aos vinte era novamente vendida.

Desta vez, para se tornar esposa do herói da narrativa em questão.



Salvo alguns raros momentos — todos em ocasiões decisivas —, O-lan passará a obra inteira em silêncio. Representando assim, uma típica mulher chinesa premiada por uma sociedade confuciana.



Em Pavilhão de Mulheres, o centro da narrativa está em Madame Wu que desde tenra idade foi educada para ser esposa do Senhor Wu. Era comum os pais intermediarem os casamentos.



Não raro, os pais costumavam enfaixar os pés das meninas a fim de que eles não pudessem crescer.

Ocorre que tal prática gerava dores atrozes nas meninas que tinham os pés quebrados e deformados.

O objetivo era criar um atrativo a mais em relação aos homens e, assim, conseguir um casamento com mais facilidade.



Em geral, eram as meninas pertencentes a elite que passavam por esse processo. No campo, meninas de famílias pobres deveriam ajudar na rizicultura, por exemplo. As meninas que tinham seus pés deformados, na fase adulta, passavam a maior parte do tempo sentadas uma vez que não conseguiam ficar de pé por muito tempo. No caso de Madame Wu, conforme relatado em Pavilhão de Mulheres, o pai ao retornar de viagem retirou as faixas proibindo a prática nela. "jamais", disse.

É, pela mesma razão, o desinteresse por bebês do sexo feminino que, não raro podiam ser vendidas como escravas. Abandonadas a própria sorte, ou, mortas. Numa sociedade de matriz confuciana a importância da mulher estava em gerar e parir filhos, apenas.



É por isso que O-lan teve vários filhos...

Em outro romance de Pearl Buck, Pavilhão de Mulheres,

essa situação fica mais explícita ainda!

Exatamente!

Em um período histórico de elevadas taxas de mortalidade infantil era necessário assegurar que ao menos um menino sobrevivesse...

... para dar continuidade a linhagem familiar perpetuando o nome da família. Essa lógica nos ajuda a compreender, também, o ímpeto reprodutivo da população chinesa desde tempos imemoriais.



É, quando a mulher não estivesse mais em idade fértil, era permitido ao patriarca ter uma... concubina.

Em Pavilhão de Mulheres, a protagonista é Madame Wu que,

assim como Madame Kang, sua melhor amiga, tem muitos filhos.

Ambas tem a finalidade de assegurar a linhagem e o nome dos seus maridos.

É quando Madame Wu atinge os quarenta anos, decide arrumar uma concubina ao marido, pois, não deseja mais ter filhos!

Essa poderia, inclusive, residir na mesma casa da "antiga" esposa.



Exercitar a alteridade dando voz a outros pontos de vista é necessário as aulas de História.

Aqui sugerimos uma abordagem através dos textos de uma mulher escritora que escreveu sobre mulheres.

Através dos textos de Pearl Buck o Ocidente redescobriu a China na época em que a 2ª Guerra Mundial estava começando!

Como uma escritora que foi laureada com o Nobel de Literatura, a primeira mulher a recebê-lo nos E.U.A, Buck canalizou seu prestígio em prol das mulheres e das crianças tornando-se uma voz atuante na aproximação Ocidente X Oriente!

Pensar os Direitos Humanos, passa por abordar a História das Mulheres, entre várias outras alteridades necessárias no século XXI!

FIM